Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Íris Filomena Mendes de Oliveira

1290000203
FE
TCC/UNICAMP OL4i

Imagens de leitura e leitor nos catálogos de livros infantis

Campinas
2003

UNICAMP - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Íris Filomena Mendes de Oliveira

Imagens de leitura e leitor nos catálogos de livros infantis

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação/Unicamp, sob orientação da Profª. Drª. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Campinas
2003

© by Iris Filomena Mendes Oliveira, 2003.

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA:
T.C.C UNICAMP
OL4i
V: EX:
TOMBO: 209
PROC: 124/2003
C: D: X
PREÇO: 11,00
DATA: 03/11/03
Nº CPD: 125=3082-98

Catalogação na Publicação elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

OL4i

Oliveira, Iris Filomena Mendes.
Imagens de leitura e leitor nos catálogos de livros infantis / Iris Filomena Mendes Oliveira. – Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Catálogos. 2. Livros infantis. 3. Leitura. 4. Literatura infanto-juvenil. I. Ferreira, Norma Sandra de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

03-0121-BFE

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profª. Drª. Norma Sandra de Almeida Ferreira

2ª Leitora: Profª. Drª. Ana Lúcia Horta Nogueira

"O texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos dos outros."

Umberto Eco

Dedico este trabalho às pessoas
que participaram da minha formação
e para aquelas que procuram garantir
um mundo melhor para todos.

Agradeço...

A Norma pela força, dedicação, entusiasmo e competência em que orientou nosso trabalho;

Aos meus pais Idomar e Marília por todo amor, apoio e dedicação;

Ao meu irmão Ivandro;

Ao Renato pelo amor, companheirismo e alegria que me proporciona;

A minha grande amiga, Marina, amante da literatura.;

A Elisabete e a Melissa pelas orientações, apoio, conversas, risadas e pesquisas;

Ao João, atencioso amigo livreiro, pela abertura, conversas e resgate de preciosos materiais para pesquisa;

Á FAPESP pela bolsa concedida de outubro de 2002 à julho de 2003,

E a todos aqueles que me ajudaram e torceram por mim.

Sumário

RESUMO 01

INTRODUÇÃO 02

Catálogos 06
No catálogo, livros infantis ou de literatura infantil? 08
Um breve histórico da literatura infantil brasileira 11
Literatura infantil, uma produção cultural
Um percurso longo e lento pelas editoras de livros infantis 19

HISTÓRIA DAS EDITORAS ÁTICA E COMPANHIA DAS LETRAS
Editora Ática 21
Editora Companhia das Letras 36

IMAGEM DE LEITOR E LEITURA 41
CAPA
Editora Ática 44
Editora Companhia das Letrinhas 49

APRESENTAÇÃO
Editora Ática 53
Editora Companhia das Letrinhas 55

SUMÁRIO
Editora Ática 58
Editora Companhia das Letrinhas 64

APRESENTAÇÃO DAS OBRAS
Editora Ática 65
Editora Companhia das Letrinhas 75

AUTORES E OBRAS E TEMAS
Editora Ática 84
Editora Companhia das Letrinhas 86

CONSIDERAÇÕES FINAIS 89

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 92

RESUMO

O trabalho busca analisar Catálogos de livros infantis disponíveis para professores e interessados em literatura infantil, como lugar possível de ser interrogado sobre o que eles trazem inscritos a respeito de leitor, literatura infantil e leitura.

Dois catálogos foram escolhidos para serem analisados: "Companhia das Letrinhas" e "Infantis da Ática", do ano de 2001, selecionados pela sua ampla aceitação no mercado em nível estadual e por apresentarem diferenças significativas entre eles.

Buscamos identificar no projeto editorial: capa, apresentação, disposições de textos, ilustrações e sumário; estratégias de divulgação de obras e autores, as imagens de leitor, literatura infantil e leitura, propostas pelas editoras, buscando responder às seguintes questões:

Como o leitor é imaginado pelos editores e autores dos catálogos em relação aos seus modos de ler, suas expectativas, seus interesses, competências e habilidades de leitura? O que os catálogos nos dizem a respeito do leitor-professor? Como ele é pensado pelos editores do catálogo?O que segundo sua visão esse leitor professor privilegia como "boa" literatura, necessária aos leitores em formação? Qual é a concepção de leitura que parece orientar a organização dos catálogos?

Embora diferentes, podemos dizer que ambas editoras investem na antiga aliança "escola e literatura" como principal consumidor de suas produções.

INTRODUÇÃO

À medida que me envolvia com os livros e com a literatura eles foram se tornando uma paixão. Agora que consigo controlar um pouco mais esse sentimento, que de certa forma foi amadurecendo dentro de mim, e sentimento amadurecido exige uma certa dose de controle; sinto, que preciso dialogar com esse amor na busca de algumas respostas para as questões, ansiedades e prazeres que esse relacionamento me proporciona.

Pesquisar literatura, leitores, livros, uma vastidão de temas, propósitos, intenções. Por onde começar? O que realmente pesquisar no meu trabalho de Conclusão de Curso?

Através da disciplina Literatura Infantil, ministrada pela Profª. Drª. Marisa Lajolo, no primeiro semestre de 2002, que participei de teimosa, pois nenhum estudante de Pedagogia conseguira matrícula em função da concorrência com os próprios estudantes de Letras, percebi alguns caminhos que poderia tomar.

A angústia em relação ao que pesquisar continuava, até que a Profª. Norma Sandra de Almeida Ferreira, minha orientadora, sugeriu a possibilidade de trabalhar com os catálogos de livros infantis de diferentes editoras.

Percebi que a discussão a respeito dos catálogos poderia ser rica e interessante porque a Profª. Marisa Lajolo e várias pesquisadoras, que apresentaram trabalhos em nas aulas, haviam comentado também a possibilidade e necessidade de pesquisar esse material.

A decisão em pesquisar os catálogos se deu inicialmente devido à falta de pesquisas na área e à pertinência de estudar um material que muitas vezes incita a escolha da obra que o professor irá trabalhar em sua sala de aula. O fato de eu já ter o material me familiarizou e me aproximou do assunto.

É claro que essa foi a justificativa inicial do trabalho, a escolha do objeto de pesquisa. Mas, a justificativa do trabalho é muito maior do que imaginávamos, então.

O primeiro contato com os catálogos de literatura infantil das editoras aconteceu, no ano anterior, no 13º COLE, Congresso de Leitura e Escrita, realizado no ginásio da Unicamp em julho de 2001. Trabalhei no evento e estava convivendo diretamente com as centenas, milhares de livros que circulavam no pátio do ginásio dispostos nos diversos estandes das diversas editoras.

Como não poderia consumir nem uma pequena parcela daquela imensidade de livros, peguei alguns catálogos que estavam sendo distribuídos gratuitamente pelas editoras. Pequei vários, mas de literatura infantil somente o Catálogos da *Companhia das Letras,* conhecida por *Companhia das Letrinhas* e o *Catálogo Escolar da Melhoramentos.*

Naquele momento, mesmo com os catálogos em mãos não os olhara, Peguei, mas nem me preocupara em analisá-los, não pensei eles pudessem no fundo, constituir-se em meu objeto de pesquisa. O sentimento que me tomara naquele COLE, em relação aos catálogos, era uma espécie de "felicidade clandestina", como se por um momento eu pudesse ter para mim todos aqueles livros presentes no catálogo e que não poderia comprar.

Com os catálogos em mãos, eu "não era mais a menina com um livro: era uma mulher com o seu amante"[1]. E o encontro fora marcado. Quando decidimos que iríamos pesquisá-los, ir a busca de outros, de selecioná-los passou a ser a minha obstinação.

Foi nesse momento que deparamos com a seguinte situação: as editoras recolhem das distribuidoras, os catálogos que não foram dados, nem enviados e reciclam para fazer novos catálogos. O que queria dizer que não conseguiríamos nada anterior a 2002, pelo menos através das distribuidoras que procuramos, na região de Campinas.

Tentamos, então, conseguir esse material falando diretamente na matriz das diversas editoras. E para nossa angústia foi confirmada essa situação. Eles não tinham nenhum catálogo anterior a 2002 para fornecer, os exemplares que tinham era somente para pesquisa interna, de uso da própria editora. Deixamos nossos dados nas diversas editoras para que fossem enviados então os catálogos de 2002.

Fomos recebendo catálogos ao longo das semanas do mês de maio e junho até que juntamos catálogos de cinco grandes editoras. A questão nesse momento era com quantas editoras iríamos trabalhar? Quais? Por quê?

A orientação da Profª Norma foi que questionássemos o material que tínhamos em mãos e tentássemos aos poucos marcar os caminho que poderíamos tomar, o quê seria pertinente pesquisarmos e observarmos. Foi-se, assim, ampliando o meu olhar

---

[1] Lispector, Clarice. Felicidade Clandestina. RJ: Francisco Alves, 1996. p. 18

sobre o material e principalmente rompendo meus estigmas iniciais e pré-conceitos a respeito de alguns catálogos que tínhamos selecionados.

Ler catálogos não é como ler livros, eles têm um uso, uma finalidade, uma intenção e até um público específico. Foi necessário um primeiro entendimento a respeito desse material para podermos inclusive selecionar os catálogos que iríamos pesquisar.

Decidimos trabalhar com dois catálogos, o que já daria uma grande pesquisa: O da Companhia das Letrinhas e o da Ática, ambos do ano de 2001. Este ano foi escolhido devido à dificuldade de recuperação desse material.

O catálogo da Companhia das Letrinhas tínhamos conseguido no COLE e o da Ática, conseguimos pessoalmente à distribuidora que tinha apenas um exemplar do ano anterior e que a Editora não havia recolhido ainda.

Achamos interessante trabalhar com esses dois catálogos porque apresentam entre si diferenças significativas em relação ao projeto editorial: capa, formato do catálogo, apresentação e disposição de textos e ilustrações, sugestões de utilização das obras, registros de entrevistas, depoimentos com autores, citações de documentos oficiais e estratégias de divulgação de suas obras e autores.

O conhecimento e reconhecimento desse material se deu com a leitura da bibliografia recomendada pela Profª Norma, principalmente os estudos da História Cultural e, com a nova orientação, fizemos um projeto para uma bolsa de Iniciação Científica.

Então, a apaziguadora, mexeu com todos os meus medos e inseguranças e em menos de um mês, o das férias de julho, entreguei o tão desejado projeto à Fapesp. Apesar do intensivo trabalho, em menos de uma semana, ele voltou. Ao ver a carta timbrada da Fapesp meu coração bateu mais forte, minha boca secou, porque afinal eu estava no quinto ano, um a mais, e não tinha certeza de seu era uma boa aluna, pensei: "Meu projeto foi recusado!"

Não, ele voltara porque faltava a assinatura do Chefe de Departamento. Fui até a Chefia de Departamento pedir a assinatura do Antônio Carlos Amorin, e o enviei novamente à Fapesp. Durante semanas li e reli o Andamento da Proposta e como o projeto não voltou mesmo, comecei a acreditar que ele havia se enquadrado na proposta, e eu também! Logo, ele ia para a avaliação e assim poderia ter chances de ser aprovado e então...

> Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar...Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Decidi esquecer que havíamos enviado o projeto, mas de tempos em tempos algo me remetia a ele e então meu coração apertava e eu o lia e relia, até sair o resultado. Cheguei em casa havia uma correspondência aberta em cima da minha cama, meu pai havia pensado que era um extrato bancário e o abriu. Acho que foi mais fácil assim, imagina eu tendo que abrir aquela correspondência! Também não ia deixar ninguém abrir na minha frente, mas ela estava lá e aberta, foi um encontro revelado. Eu havia conseguido a bolsa!

Agora meu TCC estaria vinculado ao meu projeto de Iniciação Científica e como pesquisadora passo a integrar o grupo de Alfabetização, Leitura e Escrita – ALLE/ FE/ UNICAMP, que vem, neste últimos anos, produzindo reflexões sobre a cultura escrita, em diferentes tempos e lugares, e suas relações com outras linguagens.

---

[2] Lispector, Clarice. Felicidade Clandestina. RJ: Francisco Alves, 1996. p. 18

Catálogos

Estudar os catálogos de livros infantis é interessante, não apenas porque eles constituem um conjunto de obras a serem oferecidas para os professores em suas relações com a leitura de literatura na escola, nem só porque representam a materialidade do que está sendo produzido e consumido no mercado editorial de livros infantis em dado momento. Mais do que isso, eles nos revelam um projeto editorial pensado e imaginado pelos seus organizadores que, por sua vez, suscita questões diversas sobre leitura e literatura.

De acordo com Dauster, (2000) em seu artigo "*A fabricação de livros infanto-juvenis e usos escolares: o olhar de editores*", os catálogos podem ser visto como a face da editora porque são reveladores de sua identidade e produto das mediações com o mercado, escolas, governo e família.

Segundo essa autora, existem dois mercados em potencial: o de professores, que adotam em suas escolas, obrigatoriamente, livros de literatura, o que garante um escoamento seguro dos livros infanto-juvenis e o referente ao governo e sua visão do livro em termos de acervo e importância cultural.

A pesquisadora, em depoimentos de editores, aponta para o fato de que as vendas em livrarias são comercialmente pouco significativas. No entanto, nos dias atuais, as livrarias têm procurado ampliar seu mercado consumidor utilizando-se de diferentes meios e recursos para atrair o público leitor.

Sendo a escola um mercado em potencial, grande parte da produção de livros infantis estaria destinada a esse público consumidor. Poderíamos pensar o catálogo como um veículo na trajetória de circulação de livros infantis na escola, delineando, então, para quem são destinados esses materiais de divulgação de livros.

A fórmula governo-editora-escola confirma-se ao observarmos a preocupação da editora Ática em apresentar, em seu catálogo, livros que acompanhem os novos projetos educacionais e as novas práticas educativas.

Em ambos os catálogos analisados em nossa pesquisa, a apresentação dos prêmios e destaques de suas obras são utilizados para legitimar a qualidade de seu acervo e a garantia de livros de boa qualidade.

As editoras atuam em diferentes instâncias desde a criação, edição, circulação, divulgação até o consumo de sua produção e, pressionadas por uma concorrência de mercado, utilizam-se principalmente dos catálogos para tornar visíveis e conhecidas as produções de seu acervo livresco.

No interior de uma política de divulgação, as editoras criam condições para que professores e interessados em livros infantis tenham acesso gratuito aos seus catálogos através dos mais diferentes meios: pela Internet, por mala direta, recebendo a visita de representantes nas escolas ou indo pessoalmente às distribuidoras das editoras, nas chamadas "Sala dos professores".

Sendo assim, julgamos que esse material seja bem divulgado entre os professores, que são os primeiros leitores dos livros infantis e que têm o poder de adotar um livro para os alunos.

Esse material acaba por revelar a identidade, o perfil da editora, visto que eles concentram uma "biblioteca ideal", um conjunto de coleções, obras e autores considerados de importância cultural para os jovens letrados.

Afinal, qual a função do catálogo? Essa pergunta fez-se necessária quando nos deparamos com o material, pois, ler os catálogos não é como ler um livro, ele tem um uso, uma finalidade, uma intenção e até um público específico.

É possível pelos catálogos rastrear o que está sendo produzido e o que já construiu uma certa tradição em literatura infantil. E conseguir, é claro, o maior número possível de informações a respeito do seu material (livro) com o menor esforço e prazo de tempo, antes mesmo de se obter e ler o original.

Os catálogos são mais detalhados e possuem muitas informações para atenderem melhor às necessidades que julgam seu público consumidor (leitor) possuir: eles oferecem informações a respeito do seu material (livro), do autor e mesmo da relação da editora com o público leitor, ao qual, o catálogo destina-se.

Sendo o professor o primeiro leitor dos livros infantis, o catálogo dirige-se principalmente a ele, na tentativa de conquistar leitores consumidores.

Para uma análise mais comprometida, julgamos necessário conhecer os caminhos traçados pelas editoras em sua trajetória histórica para uma melhor compreensão do meio em que esse material é produzido. E acabamos, por conseguinte, conhecendo um pouco sobre o papel que as editoras julgam ter em sua função editorial.

Segundo Dauster, (2000:04) *....os editores vêem seu ofício como comércio e agente de formação de novas gerações de leitores.* Essa afirmação pode ser conferida na história da editora Ática quando fazemos uma breve apresentação da história das editoras. A partir delas, pudemos conhecer um pouco mais sobre suas concepções e sua inserção no mercado cultural de livros nos diversos momentos de suas atividades.

Perguntamo-nos: quais os temas, as obras e autores estão sendo oferecidos para os leitores? O que é oferecido para a nova geração de leitores, pelas editoras Ática e Companhia das Letrinhas em 2001? Qual o acervo livresco que as editoras apresentam como infantis? O quê e como consideram importante a questão da formação do jovem leitor?

Manuseando este material, outras questões colocam-se além das relacionadas às obras e autores oferecidos para serem lidos, apreciados e consumidos. Quais critérios são usados para uma possível organização na apresentação de sua produção? Que recursos são usados de persuasão e de convencimento para que consigam a compra, adoção e a indicação de seus produtos? Que conceitos, imagens de leitura, leitor, de literatura vêm sugeridas nas orientações das obras e pela organização dos catálogos?

No catálogo, livros infantis ou de literatura infantil?

Ao iniciarmos a análise dos catálogos, duas questões importantes emergiram de imediato a respeito dos livros. Seriam consideradas literaturas destinadas ao *público infantil* todos os livros contidos nos catálogos? Seriam consideradas *literaturas* todos os livros contidos no catálogo?

Para a primeira resposta, buscamos as idéias de LAJOLO (2002:29) que, referindo-se aos catálogos de literatura juvenil, apresenta um importante entendimento a respeito deste gênero por parte das editoras:

> ... as coloridas e geralmente bem diagramadas páginas de um catálogo são documento muito importante para o estudo de livros, ensinando, no caso dos livros juvenis, que juvenil é o texto que consta de catálogos de editoras voltados para o inventário da produção "juvenil" daquele editora.

> Ou seja, com o mesmo direito que Mário de Andrade usou para dizer "conto é tudo aquilo que autor achar que é conto", pode-se dizer que juvenil é toda obra que assim for considerada pelo seu editor.

Nesse sentido, todo livro que consta em um catálogo infantil de uma editora pode ser considerado um livro para crianças. A classificação de determinada obra ser ou não adequada para crianças fica limitada à decisão de cada editora, que assim estabelece critérios de idade cronológica, de nível de escolaridade, de "imaturidade" do leitor para leituras mais complexas e densas.

Quanto à outra questão suscitada, sobre serem ou não serem literatura as obras que compõem um determinado catálogo, de acordo com a mesma pesquisadora, (LAJOLO 2001), para um livro ou um texto ser considerado literatura, com L maiúsculo, é necessário sua proclamação e ... *só os canais competentes podem proclamar um texto ou um livro como literatura (p.18)* e as vozes responsáveis *(...) pela literalização ou desliteralização de um livro ou de um texto são nitidamente institucionalizadas (p.19).*

Segundo essa mesma autora, entre as instituições que legitimam o que é literatura, podemos citar a Academia Brasileira de Letras, a crítica com suas inúmeras vozes, as editoras e as escolas.

> Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário das obras que aspiram ao status de literatura, a escola é fundamental. A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e de fiadora do que é literatura. Ela é uma das maiores responsáveis pela sagração ou pela desqualificação de obras e de autores (2001:19).

E a literalização maior ou menor desses textos se devem aos:

> ...intelectuais, os professores, a crítica, o merchandising de editoras de prestígio, os cursos de letras, os júris de concursos literários, os organizadores de programas escolares e de leituras para vestibular, as listas de obras mais vendidas... (p.19).

Voltando às perguntas iniciais, aqui colocadas, sobre literatura infantil e literatura e buscando respondê-las através das análises dos catálogos em questão, devemos pontuar algumas considerações:

Primeiro, tanto o catálogo da Companhia das Letrinhas quanto o Infantis da Ática não trazem em suas capas a expressão literatura. A Companhia das Letrinhas traz impresso apenas Catálogo 2001.

A Ática assim se apresenta: Infantis da Ática 2001: *Títulos organizados por diferentes modalidades de leitura. Sugestões, idéias, leituras diferenciadas para cada tipo de livro. Seção especial enfocando os Temas Transversais.*

Isso quer dizer que o mais importante para as Editoras é chamar atenção para a produção que elas oferecem aos seus leitores, que é mais ampla do que apenas livros de literatura. É uma produção que congrega diferentes tipos de livros: livros identificados pelos temas transversais, livros que são lançamentos, livros que permitem leituras diferenciadas, livros para ler, divertir, apreciar, estimular, refletir.

De qualquer maneira, ambos os catálogos apontam livros para serem lidos por crianças sem, no entanto, ousar afirmar que são livros de literatura ou que são todos livros de literatura.

O fato das próprias editoras não assumirem que seus catálogos trazem exclusivamente livros de literatura infantil, talvez indique que elas não querem cair na discussão da "finalidade" literária das obras que oferecem aos seus consumidores e, por outro lado, abstendo-se da palavra "literatura"o seu acervo ficaria mais amplo.

É interessante notar que essa atitude das editoras também reflete uma certa consciência de quanto os critérios e conceitos para catalogação, classificação e organização de obras são instáveis e mutáveis, de acordo com as transformações sociais, culturais e econômicas.

Um breve histórico da literatura infantil brasileira

Literatura infantil, uma produção cultural

Para uma melhor compreensão, entendimento e diferenciação dos catálogos em suas peculiaridades faz-se necessário uma rápida apresentação da história da Literatura infantil brasileira e do desenvolvimento das editoras estudadas, nesse circuito.

A literatura infantil no Brasil traz, em suas origens, como pecado original, o fato de ter nascido já comprometida com a educação, com a função de formar intelectual e afetivamente gerações de leitores. Produzido e voltado para a criança e para o jovem, esse gênero tem destacado com ênfase o seu caráter educativo e formador, quer trazendo como temas aqueles que são essenciais para a formação de um cidadão comprometido com os valores políticos e éticos que a sociedade busca consolidar ou questionar; quer ensinando/valorizando/legitimando gestos, maneiras de ler, competências e habilidades cognitivas, gostos e preferências necessários a um "ser ainda imaturo".

Essas necessidades que as instituições julgam serem necessárias fomentar nas crianças, diz respeito a algo novo que é contemporâneo à Revolução Industrial e que ocorreu no séc XVIII: a construção da imagem de infância.

É necessário atribuir a essa nova categoria social, como afirma LAJOLO (2002: 26) ... *modos de ser mais compatíveis com aquilo que a sociedade estava preparada para oferecer-lhe e, ao mesmo tempo, esperava dele.* Assim, a escola torna-se lugar autorizado e privilegiado para atender às necessidades desse novo ser, e a literatura infantil, seria o meio para atingi-lo.

> Como é a instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais, é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988:25).

As campanhas pela instrução e a lamentação da ausência de material de leitura e livros para a criança brasileira no início do século XX não caíram no vazio, segundo LAJOLO E ZILBERMAN (1988), os intelectuais, jornalistas e professores começaram a produzir livros infantis destinados aos alunos das escolas para a formação deste cidadão e com representação de assuntos e sentimento nacionais, reivindicados como necessários à consolidação do projeto de um Brasil moderno.

Ou seja, foi através do projeto educativo e ideológico que os altos representantes das camadas sociais e políticas da sociedade viram os livros infantis como aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos brasileiros. Como os contos de fadas, os livros patrióticos e ufanistas eram inspirados em obras européias e chegavam geralmente através de Portugal: a necessidade do surgimento de obras nacionais de autores nacionais era grande.

Os movimentos da década de 20 do século passado tiveram repercussão a partir dos anos 30 e, segundo as autoras, ao tornar-se obrigatória a freqüência à escola, o Estado investe na educação e sua forma de regime, autoritário e centralizador, aparece refletido também na produção infantil, continuamente com um veio patriótico e nacionalista.

No entanto, nesse momento, merece destaque também o universo mítico, que se projetará principalmente nas fases subseqüentes da literatura infantil, em que a criatividade foi fortemente percebida e a linguagem rompeu

> ...com os laços de dependência à norma escrita e ao padrão culto, procurando incorporar a oralidade sem infantilidade, tanto na fala das personagens, como no discurso do narrador(...) Tratou-se principalmente de reproduzir a circunstância fundamental de transmissão de mensagens: o prazer de se comunicar e de ouvir história, a troca de idéia, a naturalidade da narração em serões domésticos (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988: 83).

Esse estilo foi utilizado por Lobato, Graciliano Ramos e imitado por muitos outros escritores como Érico Veríssimo, Menotti Del Picchia, Lourenço Filho, Paulo Guanabara, Viriato Correia.

Quanto ao crescimento do gênero, Lourenço Filho, palestrando sobre o balanço da literatura infantil para os membros da Academia Brasileira de Letras, em 1942, apresentou 605 trabalhos diversos de literatura infantil.

No entanto, segundo Lourenço Filho, (apud LAJOLO & ZILBERMAM, 1988:85)

> ...a quantidade não justificava grandes entusiasmos, pois o conferencista também denunciava que, "dessas, 434 representam traduções, adaptações e mesmo grosseiras imitações"; e que, " das 171 obras originais de autores brasileiros, cerca de metade são de medíocre qualidade, quer pela concepção e estrutura, quer também pela linguagem. Não mais de metade desses livros merecia figurar em bibliotecas infantis, se devidamente apurados quanto à forma e ao fundo.

A denúncia de Lourenço Filho parece ser da ausência de uma quantidade significativa de obras e de uma qualidade desta produção, conclamando assim mudanças no mercado editorial para que se pudesse formar um público leitor brasileiro e incentivar a produção de autores nacionais.

A profissionalização e a especialização de profissionais e editoras ocorre a partir das décadas de 40 e 60 e é subseqüente ao processo de industrialização. As editoras especializadas em literatura infantil que estão melhor infra-estruturadas no Brasil são: Saraiva e Melhoramentos e, em menor proporção, a Brasiliense, herdeira das obras de Monteiro Lobato.

Com a estruturação do gênero, há uma produção intensa e fabricação em série, respondendo as exigências do crescente público consumidor. Segundo LAJOLO & ZILBERMAN (1988: 87), a maioria dos escritores que surgem na década de 40

> ....caracteriza-se por produzir quantidade considerável de obras, dando seqüência ao fenômeno apontado por Lourenço Filho. São raros os escritores que, como Alfredo Mesquita, autor de *Sialvia Pélica na Liberdade (1949),* restringe-se a um único título. No geral, as histórias repetem temas e/ ou personagens, explorando cada veio até a exaustão, o que por sua vez, facilita a profissionalização.

Entre os novos escritores estão: Maria José Dupré, Lúcia Machado de Almeida, Maria Lúcia Amaral, Elos Sand, Renato Sêneca Fleury, Virgínia Lefèvre, Alfredo Mesquita. Nos anos 50, Francisco Marins, Baltazar de Godói Moreira, Clemente Luz e Ivan Egler de Almeida entre outros.

De acordo com as autoras, se por um lado, a modernização da sociedade brasileira beneficiou sua cultura proporcionando condições de produção, circulação e consumo dos bens culturais que estavam se constituindo, a literatura, por outro lado, acabou prejudicando-se nesse processo de industrialização. Os textos escritos condicionaram-se segundo esses modelos de criação em série e o escritor acabou, segundo LAJOLO & ZILBERMAM, *...reduzido à situação de operário, fabricando disciplinadamente, o objeto segundo as exigências do mercado* (1988:119). O quer dizer estar atrelado aos interesses das instituições.

Segundo as autoras, os novos textos que possibilitaram a profissionalização do escritor, no entanto, não foram além de obras repetitivas e que não apresentaram nada de novo, se comparada a outros gêneros destinados ao adultos. O reconhecimento artístico não veio, o que levou a literatura infantil a uma marginalização ainda maior. Ainda nos anos 50, a literatura infantil brasileira tem grande concorrência com a literatura estrangeira.

Por outro lado, também percebemos nessa época o lançamento dos mais prestigiados ficcionistas da moderna literatura brasileira destinado ao público adulto, segundo LAJOLO & ZILBERMAN (1988), Clarice Lispector e João Guimarães Rosa.

Nos romances psicológicos destacam-se Autran Dourado, Ligia Fagundes Telles e Osman Lins.

No final dos anos 60 e início de 70, o Brasil apresenta um modelo capitalista mais avançado e um aprimoramento das instituições e programas voltados para o fomento da leitura: a Fundação do Livro Escolar (1966), Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), Centro de Estudos da Linguagem de Literatura Infantil e Juvenil (1973), Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979) (LAJOLO & ZILBERMAN,1988:123), que colaboram para acelerar a produção de livros destinados à criança e intensificar o laço governo-editoras.

Podemos perceber uma ligação dessas instituições e programas voltados para o fomento da leitura e para a escola. E assim, a literatura infantil continua dependente da instituição escolar, no entanto, buscando romper com o compromisso do conservadorismo pedagógico, o que acarretou a legitimação com a natureza cultural e ideológica do gênero e o reconhecimento como literatura.

Com o favorecimento do novo modo industrial capitalista, a literatura infantil *...na sua recente e irregular tradição, tem traços tanto da manutenção de velhas tendências, quanto de um esforço renovador.* (LAJOLO & ZILBERMAN,1988:160)

Tornando-se responsável, também, em apresentar e denunciar a crise social brasileira, aderindo à temática urbana e a gêneros e temas que pouco apareciam nos livros infantis.

A influência lobatiana, de acordo comas autoras, é sentida nos autores tanto na invenção de personagens novos a cada história quanto no tom satírico e na menção aos acontecimentos atuais, a exemplo de João Carlos Marinho. O gosto por aventuras e questionamentos em Orígenes Lessa e temas folclóricos e revalorização da cultura popular não mais em tom ufanista, mas críticos e de conhecimentos das culturas e de suas influências como em Ziraldo, Ana Maria Machado, Antonieta Dias entre outros.

A poesia se consolidou, não mais pedagógica e patriótica, mas libertária, fantasiosa e fantástica. Aparentemente, desapareceu o compromisso com a história oficial e heróis pátrios em Cecília Meireles, Mario Quintana, Vinícius de Moraes. Na prosa poética, o estilo humorístico e risonho pode ser visto em Bartolomeu Campos de Queiroz, Luiz Raul Machado, Jorge Amado e Ruth Rocha.

Entre os vários estilos e gêneros literários, temos ainda, o teatro com Maria Clara Machado e o conto de fadas como uma nova forma de expressão política em Ana Maria Machado, Marina Colasanti, Fernanda Lopes de Almeida e Ruth Rocha.

O tratamento de temas antes considerados tabus na literatura infantil como os relacionados à sexualidade, conflitos de raça e a morte podem ser vistos em autores como Ary Quintella, Domingos Pellegrini, Henry Correa, Luiz Fernando Emediato, Teresinha Alvarenga e Wander Piroli.

O desenvolvimento da produção da literatura infantil e juvenil, então articulada ao ritmo de desenvolvimento da educação escolar pública, propiciou, com a reforma de ensino dos anos 70, a emergência de um possível segmento de leitores com o aumento do número de escolas, a ampliação da faixa de escolaridade básica de cinco para oito anos e o incentivo da leitura de textos literários, preferencialmente autores brasileiros. Segundo dados da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil:

> Cresce o prestígio do autor nacional e os títulos brasileiros vão se impondo. Entre 1975 e 1978, por exemplo, de um total de 1890 títulos, 50,4% constituem traduções (953 títulos) e 46,6% são textos nacionais. (apud LAJOLO E ZILBERMAN, 1988:124).

Nesse momento, o governo torna-se o principal cliente da indústria editorial, pois, agora com a expansão da rede escolar, a nova clientela oriunda da população de baixa renda nem sempre tem recursos para aquisição de material didático e muito menos de livros. A escola pública subsidiada por programas de governos estadual e federal, para aquisição de livros, garante o público escolar como leitor, o que favorece o aumento da produção industrial de vários tipos de livros: didáticos, paradidáticos e de literatura infanto-juvenil.

Essa produção e distribuição em "massa", neste período, proporciona aquilo que podemos denominar de cultura da leitura. Novas obras e temas emergem e convivem ao lado de obras já consagradas pela tradição. Gêneros discursivos são explorados, autores com diferentes estilos de linguagem são lançados e reeditados com novas apresentações e cuidadosos projetos editoriais, suscitando outras relações dos usuários em relação aos

livros, atuando sobre a quantidade de leitura, sobre o gosto, o interesse, a expectativa dos leitores. E as editoras têm sua parte nessa formação de gosto, pois são responsáveis pela seleção, organização, produção e veiculação dos livros.

Os livros infantis brasileiros contemporâneos passam a apresentar uma nova narrativa e segundo LAJOLO e ZILBERMAN, revelaram outro traço da modernidade: *"a ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiário do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente auto suficiente."* (1988:127-128)

Nesses trinta últimos anos, o livro passa a ser visto, cada vez mais, como um produto "valioso" a ser oferecido no mercado, que deve atender às expectativas dos adultos em relação à imagem que se tem de criança e do jovem - imagem essa que é construída historicamente e mudou ao longo do tempo - aos quais se pretende "formar" e conquistar, devendo ainda estar alinhado aos gostos, interesses de uma sociedade moderna segundo uma visão capitalista.

Muitos e diversos livros (possíveis de serem descartáveis, de serem substituídos por novos e diferentes) são lançados no mercado buscando atender a uma possível diversidade de leitores quanto à idade cronológica, quanto ao ritmo e fôlego de leitura, quanto aos interesses e expectativas.

Assim é que, alimentado por ou alimentando um discurso de valorização da leitura de livros e de temor a sua perda, hoje, tem se publicado muito e o gênero literatura infantil e juvenil vem estimulando grandes investimentos por parte do mercado editorial e educacional.

Dessa forma, podemos perceber que as editoras que disponibilizam no mercado os livros, bens culturais, estão bem atentas às necessidades de mercado adjunto às políticas governamentais. O mercado livreiro tornou-se uma grande empresa e embora

> ... diz-se que cada vez se lê menos, visto o poder das imagens de TV e de vídeo. Contudo, nunca se publicou tanto quanto hoje. Mesmo considerando-se as crises econômicas no país, há um grande mercado editorial, com vendas expressivas, freqüentes feiras de livros, noites de autógrafos, redes de bibliotecas e grupos de contadores de história, valorizando,

> assim, a aproximação do leitor com os livros (DAUSTER 2000:04).

Essa magnitude pode ser conferida não apenas na qualidade gráfica e no cuidado estético dos catálogos e dos próprios livros, mas também pode ser conferida, inclusive, nos vários serviços que as grandes livrarias e editoras oferecem.

Essas livrarias tornaram-se lugares agradáveis e aconchegantes onde é possível tomar um café lendo o livro que se deseja comprar, assistir a um *DVD* ou ainda ouvir uma música. As crianças também têm espaços reservados para elas tanto nas livrarias, quanto nas editoras, como é o caso da Ática que tem serviço especializado para receber os escolares.

Um percurso longo e lento pelas editoras de livros infantis

Conseguir catálogos dos anos anteriores ao de publicação não é uma tarefa fácil, pois eles são recolhidos das distribuidoras e reciclados pela editora para a confecção de novos materiais, conforme nos informou as diversas distribuidoras, inclusive a própria editora Ática. Também conseguir informações a respeito da história das editoras não é uma tarefa fácil.

Entramos em contado, por telefone, com a matriz das editoras que estamos pesquisando pedindo informações e/ou malas diretas a respeito da história das editoras e não conseguimos nenhum dos dados que solicitamos.

Um dos meios para conseguir informações sobre as editoras é visitando seus *sites*, nas respectivas *home pages* na *internet*. Porém, as informações fornecidas pelas editoras pouco contextualizam as relações político, econômico e sociais da época em que as editoras foram fundadas, o que muito nos interessaria como pesquisadoras. Também, talvez com a intenção de divulgar e apresentar aos interessados a importância das editoras, os *sites* trazem uma redação romanceada, apresentando apenas os sucessos e ocultando as dificuldades que possam ter enfrentado ao longo do tempo.

Além disso, as informações presentes nos *sites* são insuficientes e superficiais para responder às questões que pretendemos pesquisar, embora talvez, sejam suficientes para um outro leitor, com outras intenções.

No entanto, foi através do *site* da editora Ática que obtivemos a referência do livro, *Momentos do livro no Brasil*, que a Ática editou. Esta obra, por contar a história das editoras no Brasil, acabou sendo fundamental para contarmos a história das editoras que estamos pesquisando.

Entretanto, o tratamento que se dá ao texto faz parecer que a editora toma decisões quanto a sua produção e linha editorial apenas orientada por intenções positivas e desligadas de um contexto histórico, econômico, político, educacional e social, da qual toda e qualquer editora faz parte.

Procuramos outras fontes para o resgate histórico: buscamos o contato por e-mail com as editoras. Nesse momento, colocamos algumas de nossas questões: Quem compõe o corpo editorial? Quais foram as principais intenções no momento da fundação das Editoras? Qual a linha editorial proposta? Sua Fundação? De quantos títulos são

compostos o catálogo Geral? E o Infantil? Perguntas, que considerávamos fáceis de serem respondidas através de registros, dados, números das próprias editoras.

A Companhia das Letrinhas não respondeu ao e-mail. A editora Ática respondeu ao e-mail agradecendo o interesse e não respondeu às perguntas feitas por nós, disse apenas que não tinha os dados atualizados, mas que estava aberta a novas perguntas.

Como as fontes encontradas nos sites e no livro "*Momentos do livro no Brasil*" são produções das próprias editoras, não podemos deixar de destacar que ambas trazem uma linguagem mais voltada para as intenções e resultados alcançados pela editora de modo romanceado, "natural", destituído de suas relações histórico-econômicas e políticas.

Dessa forma, para a leitura que fizemos do material foi necessária a compreensão de que:

> Sabendo que o pesquisador é parte do problema que ele vai investigar, tentamos compreender nossas idiossincrasias e *pré conceitos*. Situar o problema na especificidade do social significa *desnaturalizar* os fenômenos, ou seja, mostrar que fatores como atitudes, comportamentos, gosto, formação como leitor, relação com livros e leitura são fenômenos socialmente construídos e nada tem de naturais, pois pertencem ao campo da cultura e das relações sociais (DAUSTER, 2000:04).

O que é produzido está inserido num intricado jogo de forças políticas, econômicas, sociais e culturais, que não permitem que sejam naturais, pois tem um objetivo e uma finalidade. É necessário compreender, desvelar a forma como se articula visando atender melhor os anseios e as expectativas que são do seu interesse.

HISTÓRIA DAS EDITORAS ÁTICA E COMPANHIA DAS LETRAS

Editora Ática

Na leitura do livro *Momentos do livro no Brasil* e do site, em que a editora conta a história de sua fundação, de acordo com eles, para um Brasil que ansiava atingir patamares superiores de desenvolvimento, a educação escolar passou a ter um papel importante para a qualificação de mão de obra da população, principalmente a oriunda do campo e que era despreparada para o trabalho na cidade.

A falta de vagas na escola pública dos anos 50 era um problema que preocupava milhares de pessoas convencidas da necessidade de um diploma para conseguirem melhores condições de trabalho, principalmente, na cidade.

Os cursos de "madureza", hoje conhecidos como supletivos, surgiram nessa época, segundo *Momentos do livro no Brasil*, como uma nova expectativa e esperança para quem não tinha conseguido completar seus estudos.

Acreditando nessa necessidade, Anderson Fernandes Dias, de origem modesta, e seu amigo da Faculdade de Medicina da USP, Antônio Narvaes Filho, e o irmão de Anderson, Vasco Fernandes Dias Filho, juntaram suas economias e decidiram fundar, em 15 de outubro de 1956, o curso de madureza Santa Inês.

O curso exprimia, segundo os fundadores, o espírito do Brasil numa época de ardor, otimismo e muitas novidades: entre elas o cinema novo, a bossa nova, as primeiras Bienais e Brasília.

O projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek sonhava saltar "cinqüenta anos em cinco" e buscando atender, não apenas às aspirações da população, mas da necessidade que o novo momento industrial necessitava, houve a ampliação da rede escolar. Entre 1955 e 1965 o ensino dobrou tanto em termos de matrículas quanto de pessoal docente.

Esses dados podem ser confirmados no trabalho de RIBEIRO (1998:161), quando esta apresenta que as despesas da União com a educação e a cultura, possibilitaram a continuidade da ampliação da rede escolar tanto em pessoal docente, quanto em matrícula; mesmo que não tenha atingido um contingente almejado de vagas, pois sabemos que mesmo hoje não há uma universalização de vagas na escola pública.

Ensino primário comum

Especificação	1955	1965	Nº	Índice
Pessoal Docente	141.956	351.466		247
normalistas	76.802	181.863		
não normalistas	65.154	131.180		
catedráticos	130.790	313.043		
auxiliares	11.166	38.423		
Matrícula geral	4.545.630	9.923.183	100	218
Matrícula efetiva		9.061.530		
Diferença		861.653		
Matrícula 1° ano	2.424.690	4.949.815	100	204
Matrícula 4° ano	399.632	1.007.882	100	252
Conclusão	550.864 *	1.063.804 **	100	210
Aprovação		5.973.811		

Apud RIBEIRO (1998:161)
* Resultado de 1958
**Resultado de 1968 (aprovação na 4ª série).
Fonte Instituto Nacional de Estatística, Anuário Estatístico do Brasil, ano XVI, 1955, p.444 e 446; ano XXI, 160, p.290: vol.28, 1967, p. 546 a 574: vol.32, ano 1971, p.658

Com o favorecimento do ensino particular pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, houve também uma expansão dos cursos de nível médio profissionalizantes de qualidade duvidosa.

A ampliação do número de vagas foi percebida também no Santa Inês, que iniciou suas atividades em uma sala com quinze estudantes e no ano seguinte apresentava quatro turmas num total de cem estudantes.

Santa Inês tinha por princípio norteador, de acordo com a editora, incentivar o debate e estimular o espírito crítico entre os estudantes. Dessa forma, a realização de conferências, mesas-redondas e projeção de filmes era comum no curso.

Entre os diversos eventos que ocorreram, a palestra de Jorge Luis Borges, escritor argentino, em sua primeira visita ao Brasil em 1970, costuma ser relembrada. O escritor foi convidado pelo professor de espanhol do Santa Inês, Mozailde Bezerra, para falar aos alunos. Borges aceitou de imediato o convite, segundo a editora, animado pelo assessor que o acompanhava na viagem e que era amigo de Mozailde.

A expectativa do público era grande no dia da palestra e o salão de conferências do Santa Inês estava lotado. Borges iniciou a palestra pontualmente às oito da noite e falou por menos de meia hora, sua fala foi rápida e, ao final, gentilmente se dispôs a responder às questões do auditório, o que causou nos professores do curso uma apreensão que mal conseguiam disfarçar. A preocupação deles era não saber como se desenrolaria o debate entre os alunos do curso de madureza e o conceituado escritor.

> Um jovem sentado na última fila, alheio aos receios dos professores, logo pediu a palavra e perguntou: "O que o senhor entende por coragem?". O autor de *História universal da infâmia* ficou visivelmente encantado com a questão e não se fez de rogado: discorreu sobre o tema por quase outra meia hora. O debate foi um sucesso (1995:214).

O grande sucesso do curso, de acordo com os fundadores desta editora, não se deu apenas pela ampliação das vagas ou pela preocupação em estimular debate e crítica, mas também pela produção de seu material didático. O curso Santa Inês oferecia aos seus estudantes apostilas gratuitas

> ...que reuniam o programa anual de cada disciplina. Além de facilitar o estudo, sua criação resultou numa economia significativa para o aluno de madureza, desobrigando da compra dos livros exigidos para acompanhar diversas matérias (1995: 213).

Podemos perceber que o curso de madureza era destinado a adultos com pouca condição financeira e as apostilas eram um grande incentivador no curso, pois reduziam os gastos dos alunos com livros (geralmente caros), já que não precisariam comprá-los e as apostilas, segundo a editora, eram boas.

As apostilas, com matriz de estêncil datilografado, eram escritas pelos professores do curso e rodadas num mimeógrafo a álcool, dentro do porão da escola. Depois, paginada e grampeada por cinco funcionários.

Com a considerável ampliação do número de alunos houve o conseqüente aumento da demanda por impressos e apostilas. A Santa Inês passava dos 3 mil alunos e nem o mimeógrafo elétrico era suficiente para tamanha demanda. Foi criado então, em 1962, a SESIL – Sociedade Editora do Santa Inês.

Acreditando que o material didático produzido pelo SESIL agradaria estudantes e conquistaria professores, Anderson defendeu a criação de uma editora. Em 1965, o projeto estava encaminhado, mas não havia nome. Segundo o livro *Momentos do livro no Brasil*, o nome dado à editora surgiu inicialmente nos intervalos de aula, na sala dos professores. Entre as sugestões de "Grécia", Atenas" ou "Polis", privilegiando as imagens do mundo clássico, o nome Ática foi proposto pelos professores de história por ser Atenas o berço da civilização grega e devido ao valor que esse povo dava à educação. O nome Ática havia agradado a todos e a primeira logomarca reproduziu a forma do Panteão Grego, conforme a imagem abaixo:

BATISTA (2000: 537), em seu trabalho sobre textos impressos e livros didáticos, apresenta a seguinte questão em relação às formas de reprodução simples e acessíveis à escola, como o mimeógrafo à tinta e a álcool, o xerox e o computador:

> ...Se muitas vezes essas novas formas de reprodução geram apenas uma intensa cópia de impressos, possibilitam, também, associados a processos de reprodução gráfica mais simples, o desenvolvimento de uma "imprensa" escolar, voltada para a elaboração e confecção de apostilas, particularmente nos grandes sistemas de ensino, nas séries terminais do nível médio e nos cursos pré-vestibulares...

A própria editora Ática, como Batista aponta, originou-se do setor gráfico de uma escola. E segundo ele:

> (...) Também não se pode perder de vista que, de acordo com depoimentos de editores (Oliveira *et al.* 1984 e Munakata 1997), o material didático elaborado por professores e produzidos por meio dessa "imprensa escolar" tende – com uma freqüência que é necessário precisar – a constituir a "pré-história" de muitos livros didáticos: elaborados por professores do ensino fundamental e médio, reproduzidos e copiados por outros professores, os materiais didáticos produzidos nessa "imprensa escolar" costumam ser "pedra bruta" "garimpada" por representantes comerciais de editoras que "lapidada" e submetida a processos editoriais, daria origem a livros produzidos e comercializados por editoras (BATISTA, 2000: 537).

Os livros didáticos fundados na imprensa escolar garantem um material já testado e aprovado pelos professores na escola. Ganhando uma nova e especial "roupagem", podem atingir um público maior. Foi este o caso do setor gráfico do Santa Inês, que originou a Editora Ática. Não temos a informação se as apostilas que tanto atraíram alunos para o Santa Inês, continuaram sendo fornecidas gratuitamente pelo curso depois da criação da Editora, mas acreditamos que não.

A Editora Ática surge, então, em 1965 e, no ano seguinte, 1966, seu catálogo apresentava 20 títulos. Em 1970:

> ...um experimentado profissional da gráfica AGGS, do Rio de Janeiro, consultou a instrução de serviço referente à impressão do livro *Estudo dirigido de Português*, sua primeira reação foi um susto. Em seguida, colocou em dúvida a veracidade dos

> números ali indicados e, finalmente, convenceu-se de que o responsável pelos pedidos tinha colocado um zero a mais na solicitação da Editora Ática. Havia urgência no serviço e, uma vez reparado o erro, o gráfico dedicou seu fim de semana para imprimir os 40 mil exemplares do livro. Na segunda-feira, todavia, ele tomou um susto ainda maior que o primeiro: a editora confirmava que solicitara a tiragem de 400 mil exemplares! (1995:216).

Segundo BATISTA (2000), a indústria editorial brasileira passava por um grande momento de modernização, que foi facilitada pelos governantes militares, no conjunto de medidas postas em prática na época, como demonstra Hallewell (In BATISTA, 2000:556):

> *... a produção editorial torna-se menos difícil e onerosa devido aos níveis inflacionários e recessão econômica posteriores ao golpe. A partir de 1967 todos os estágios de produção e venda do livro passaram a ser isento de impostos, São estimuladas a fabricação de papel e produção de celulose.*

Devido a essas maiores facilidades na produção e venda do material, ao sucesso e grande aceitação dos materiais da Editora Ática, destacamos que, o professor Anderson, ao criar a editora, acreditando na qualidade do material produzido no Santa Inês, beneficiou-se de um momento propício para a criação de uma editora, outro segmento que poderia dar certo.

Após essa experiência, foram desenvolvidos novos produtos e a Ática publicou textos didáticos destinados a outras disciplinas: ciências, geografia história e matemática. O livro didático passou a utilizar recursos para atrair os estudantes: fartas ilustrações em cores, uma linguagem agradável e direta. O livro didático passou a ser apresentado também em história em quadrinhos, perdendo o aspecto sério e formal dos

antigos manuais escolares, buscando uma leitura mais fácil, amena, composta de texto e imagens.

O livro didático passou a agradar também os alunos e não apenas os professores, o que se torna uma tendência que não deixa de crescer durante várias décadas. Ele traz uma aparência que facilmente o leitor identifica como infantil, quer pela capa, pela ilustração ou ainda pelas chamadas à criança e ao jovem.

Para conquistar professores, surge uma inovação que permanece até hoje: o Manual do Professor, que traz as respostas para o professor dos exercícios destinados aos alunos. Útil ao profissional da educação, porém representava, segundo *Momentos do livro no Brasil,* uma grande dificuldade para a área gráfica da editora. O problema foi resolvido com a contratação de calígrafos, que escreviam sobre o papel de seda as respostas que seriam aplicadas no livro do professor nos espaços em branco designados para a resposta.

O manual do professor representa a visão dos editores em relação ao ofício do professor: um profissional que não tem tempo para resolver todas as questões presentes no livro, e talvez, nem condições para montar sua aula, por isso necessita de um livro didático útil, dinâmico, e pragmático. O professor, de posse das respostas corretas do manual, passa a ter uma relação com o livro didático de aceitação passiva e de "dependência" nas aulas.

A linguagem gráfica dos livros da Ática foi profundamente reformulado pelo designer Ary Normanha, vencedor do concurso para a escolha da nova logomarca da empresa, promovida pela editora em meados da década de 70.

A transformação na linguagem gráfica ocorreu, inicialmente, a partir das capas dos livros didáticos e representava uma mudança próxima da cultura visual do público, que mudara muito devido à influência dos meios de comunicação de massa.

> (....) Elas passaram a explorar um recurso até então ausente no mercado: fotos de montagens tridimencionais que utilizavam elementos pertencentes ao universo tratado pelo livro. Além disso foram experimentados novos diagramas de distribuição de textos e imagens, intensificou-se o uso de diferentes tipos de letras, as ilustrações se sofisticaram e passaram a ser produzidas por profissionais especializados (1995:229).

Nos livros didáticos, havia o hábito, que continua até hoje, de indicar leituras extra classe, principalmente romances dos clássicos nacionais. Para atender a essa demanda indicada nos livros didáticos, foi lançada a série *Bom Livro*. O livro didático passa a divulgar livros da própria editora, o que representa um marketing bastante interessante.

A leitura dos clássicos tão recomendada pelo professor não era uma tarefa fácil, pois esses livros custavam caro, as edições eram em capa dura, lombada com dizeres em dourado, em papel especial. Por outro lado, essas edições "clássicas" pareciam não agradar o público jovem, segundo a editora.

Os editores, acreditando que o seu público jovem tinha ritmo e fôlego para leitura diferente das gerações anteriores, popularizam e modernizam os clássicos das literaturas brasileira e portuguesa com a *Série Bom Livro*.

As capas passaram a ser atraentes e coloridas. Os textos continuavam integrais e não com versões simplificadas, mas traziam notas de rodapé e introduções explicativas para ajudar os estudantes a enfrentar as dificuldades na leitura. Além disso, cada livro começava a ser acompanhado de um suplemento elaborado por um professor ou um especialista.

De acordo com a editora, os novos livros passaram a ser mais agradáveis e atraentes, facilitando a leitura do leitor que se queria conquistar. As altas tiragens dos livros barateavam seu custo.

A mudança na apresentação dos clássicos diz respeito ao que BOURDIEU (In CHARTIER 1996: 235) chamaria de *simbologia de grafismos:*

> Penso num exemplo entre mil, aquele do itálico, e mais genericamente em todos os signos que destinam-se a manifestar a importância do que se diz, a dizer ao leitor " ai é preciso prestar atenção nisto que digo", a colocação em maiúscula, os títulos, os sub-títulos etc, que são igualmente manifestações de uma intenção de manipular a recepção. Há portanto uma maneira de ler o texto que permite saber o que se quer fazer que o leitor faça.

BATISTA (2000), dizendo ainda sobre o processo de produção de um impresso que originalmente não se destinara ou fora gerado para o público escolar, mas que termina a ser destinado para ele, coloca que:

> As notas e as orientações didáticas destinam o livro para um leitor em formação e carente de conhecimentos, que lê o romance para o aprendizado de literatura brasileira e não para o prazer e a ampliação, desinteressada, de seu contato com o mundo, como propõe, em geral, os livros de literatura e as formas literárias de leitura. Assim, trata-se de um livro editado para auxiliar o processo de ensino de uma disciplina escolar – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – e, portanto, sob esse ponto de vista, de um livro escolar."
> (BATISTA2000: 541)

Com o sucesso da série *Bom Livro*, a Editora Ática, percebeu o público jovem como promissor e amplia suas publicações para novos títulos que agradassem ao público jovem, além dos clássicos.

A Série *Vaga-Lume*, lançada em 1972, veio preencher esse espaço. Uma coleção que privilegia histórias com ação e suspense, trazendo tanto autores consagrados no gênero como lançamento de novos autores. Esta coleção brasileira tem sido de maior vendagem em literatura juvenil até então.

Nessa época vimos emergir temas que, até então não diziam respeito ao público infantil e jovem. É a revolução de costumes, para BOURDIEU, "A publicação é a *ruptura* de uma *censura*" (op cit. 1996: 244).

> O fato de que uma coisa que era culta, secreta, íntima ou simplesmente indizível, mesmo que não recalcada, ignorada, impensada, impensável, o fato de que essa coisa torne-se dita e dita por alguém que tem autoridade, que é reconhecido por todo mundo, não somente por um indivíduo singular, privado, isso tem um efeito formidável. Evidentemente esse efeito apenas se exerce se houvesse predisposição (1996:244).

Novamente percebemos uma mudança na concepção de criança e jovem, o que possibilitou a abertura desses novos temas. O jovem não precisa mais ser poupado e é capaz de lidar com a realidade. Devemos lembrar que a construção das imagens pressupõe certas qualificações e classificações dos indivíduos sociais que será percebido a seguir.

O sucesso da Série *Vaga-Lume* levou a Ática a

> ...propor outras alternativas a um leitor curioso e ávido por informação de toda espécie, que finalmente descobria livros adequados à sua faixa-etária. Foi essa idéia que em 1977 norteou a criação de uma nova série: Para Gostar de Ler (1995: 225).

A editora acreditava no sucesso dessa coleção por ser a crônica, segundo eles, um gênero simples e atraente, marcado pela agilidade do jornalismo, que certamente agradaria o público jovem. Principalmente, contando com textos de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, escritores respeitados e consagrados. Após o projeto ser apresentado aos autores, eles aceitaram e abraçaram de imediato, segundo a editora, e colocaram suas obras à disposição. Fazer a seleção das crônicas apresentadas passou a ser a grande dificuldade, pois a reunião de todos os livros deu milhares de páginas.

A idéia foi fazer, então, uma edição fora do circuito comercial, que contou com a ajuda de professores contratados, os quais recolheram opiniões de mil alunos leitores das escolas de diferentes classes sociais sobre as obras preferidas por eles. O resultado da pesquisa foi seguido à risca. A editora, ouvindo os seus possíveis consumidores antes mesmo de lançar a coleção no mercado, usa de uma estratégia de marketing bastante interessante.

Essa coleção passou a incluir outros gêneros, de poesia a contos, colocando grandes autores como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Mário de Andrade, entre outros, ao alcance dos jovens.

A lei de reforma de ensino dos anos 70, como já apresentamos, proporcionou o oferecimento de uma grande diversificação de livros infanto-juvenis, principalmente de autores brasileiros por parte das editoras.

O livro passou a ser um importante instrumento no processo de alfabetização e assumiu papel ativo na sociedade. Segundo BOURDIEU, "O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro" (1996: 243).

Ao longo do tempo, a Ática cada vez mais investia numa "relação lúdica com o livro, utilizando de linguagens gráficas mais ágil e valorizando o diálogo das ilustrações como texto." (1995 : 228) para o seu público leitor.

Na editora Ática, a principal linha de títulos de literatura infantil para a faixa de 1ª a 4ª série foi colocada no mercado em 1973 como uma grande surpresa na área da literatura infantil, segundo a editora da época Regina Mariano.

São lançados 36 títulos infantis de uma só vez na Bienal do Livro (1974), monopolizando a atenção para os "Infantis da Ática"

> Havia ali muitas novidades: impressão em quatro cores, papel cuchê, formato diferenciado, ilustração de alto padrão e preços baixos, graças as altas tiragens. E o principal: texto de autores nacionais, de ótima qualidade (1995: 228, 229).

Na trajetória da editora Ática podemos dizer, que esta editora sempre esteve intimamente articulada às políticas governamentais de educação e a uma proposta, segundo a editora, de projeto editorial renovador tanto do ponto de vista dos temas e conteúdos, quanto da parte gráfica visando a seu público consumidor. Podemos dizer, ainda, que esta editora desde seu início soube beneficiar-se da tradicional aliança "escola e literatura" na sociedade brasileira.

Em 1995, passados mais de vinte anos, o catálogo infantil da Ática supera, segundo a editora, o das grandes editoras internacionais. E seu sucesso ultrapassa fronteiras como é o caso do livro *A Fada que tinha Idéias* de Fernanda Lopes de Almeida, que consta na Bibliografia Seletiva da Literatura infantil da UNESCO.

Autores e autoras nacionais como Ana Maria Machado, Ruth Rocha ou Liliana Iacocca, entre outros, estão competindo com diversas traduções de *best-sellers* da área.

A coleção *Gato e Rato* com *"... histórias singelas e divertidas(...) narradas com graça e ilustradas com magia..."* (1995: 228) vem sendo publicadas desde 1978 com muito sucesso e ocupa lugar de honra na história da literatura infantil brasileira, de acordo com a Ática.

A editora acredita que não só vem atendendo aos anseios do público leitor, como também tem sido responsável pela formação desse público num processo de parceria com autores e autoras nacionais.

Uma outra linha das séries foi criada para o público universitário com o objetivo de contribuir para a difusão da produção intelectual brasileira, que numa época de censura, ficava confinada ao restrito público que tinha acesso às defesas de teses da pós-graduação, de acordo com a editora.

O Editor da Ática, José de Granville Ponce, de formação política de esquerda, marcou encontro com Antônio Candido com a idéia de criar uma *"coleção que se destacasse pela qualidade acadêmica, publicando pesquisas inéditas na área de humanidades"* (1995:230).

Segundo a editora, mesmo que a publicação de trabalhos acadêmicos não gerasse lucratividade, representaria, para Anderson, uma contribuição cultural importante e marcaria presença da Editora no campo universitário.

Em 1975 chegou às livrarias a coleção *Ensaios*, "coincidentemente" no mesmo ano em que a comunidade científica abria a reunião da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - que buscava aproximar a universidade da sociedade civil.

Com essa abertura entre a produção acadêmica e o público, os editores da Ática tiveram outra iniciativa relevante neste campo, a Coleção *Grandes Cientistas Sociais*. Seu primeiro volume, lançado no final da década de 70, foi coordenado pelo sociólogo Florestan Fernandes, que voltava do exílio.

Essa série, segundo a editora, foi inspirada em coleções semelhantes às editadas na Europa, com a reprodução de textos fundamentais de grandes pensadores com apresentações introdutórias assinada por especialistas.

Essas publicações ampliaram a atuação editorial junto ao público universitário e, já no início dos anos de 1980, surgem a série *Princípios* e a *Fundamentos*.

A Série *Fundamentos "foi criada com o objetivo de apresentar cursos completos a serem desenvolvidos em sala de aula durante um semestre, ou mesmo um ano"* (1995:233). Assinada por professores das universidades mais importantes do país ou por conhecidos intelectuais estrangeiros, parece ser uma série didática com a intenção de orientar o trabalho do professor.

A Série Princípios são livros curtos de abordagem rápida que fornecem informações básicas necessárias sobre determinado programa acadêmico. Sua série supera mais de 250 títulos. Seu preço reduzido combate o uso de fotocópia ... *prática que contribui para diminuir o consumo de livros entre os estudantes e desconsidera o direito autoral.* (1995:233)

Podemos perceber duas questões interessantes. A primeira seria a origem da editora por essas mesmas formas de reprodução que agora como editora condena e, a segunda, é que a editora inicia com a produção de livros didáticos, amplia para a leitura de livros de clássicos, torna-se uma divulgadora de novos autores nacionais e estrangeiros e volta a investir na produção de "livros didáticos", mas agora para o público universitário.

Mas o processo de ampliação não termina aqui: A linha ensaística com a Série *Temas*, criado em 1987, (...) *vem atender a um público mais sofisticado dirigindo-se a*

leitores que acompanham os debates internacionais na área de ciências sociais..., o que não quer dizer que se restringe a textos especializados ou de nível elevado, pois também *há ensaios de divulgação acessíveis a quem deseja simplesmente tomar conhecimento de determinado assunto* (1995:233).

Em 1984, o clima de abertura política da época favorecia o debate pedagógico e, em conseqüência, o aparecimento de novas propostas na área. Diversas mudanças na área pedagógica ocorreram no âmbito escolar. Apostando nessa nova tendência, a Ática investiu (...) *numa nova linha de textos, que aliasse o rigor científico à imaginação literária* (1995: 236), os livros que seriam chamados de paradidáticos, um empreendimento inovador que causou diversas reações no público.

> A idéia era criar um material de apoio que mesmo não sendo tema específico de matéria ministrada em sala de aula, tivesse um conteúdo programático adequado a um certo momento do aprendizado. O objetivo era capturar a atenção do estudante através do aspecto narrativo lúdico (1995: 237).

Para aprofundar temas históricos, geográficos ou das ciências naturais surgiram as coleções: "*O Cotidiano da História*", "*Guerras e Revoluções Brasileiras*", "*Viagem pela Geografia*", "*Guerras que mudaram o mundo*" e "*De Olho na Ciência*".

No final dos anos 80, houve um aumento no mercado livreiro e a Ática investiu numa diversidade de títulos, em novas linhas editoriais: livros de arte, guia de viagens, biografia, culinárias, literatura de comportamento, denúncias jornalísticas e outros temas atuais que tiveram popularidade inusitada.

Esses títulos dependiam de uma venda diferente da linha educacional, que era feita via professor e escola. Agora era via público da livraria. Abarcando mais esse filão, a editora decidiu atuar também nesse setor: *livros para todos os gostos; livros para todas as idades*– é com esse catálogo que a editora se apresenta aos leitores deste final de século. (*Momentos do livro no Brasil, 1995).*

A Editora Ática tem vários serviços que, junto com a divulgação dos livros, são oferecidos aos professores e escolas pelo Departamento Comercial. São os Projetos Pedagógicos, cursos de atualização pedagógica, ministrada por autores da Ática ou

especialistas das diferentes áreas do conhecimento. Oficinas Pedagógicas, atividades que visam aos professores conhecerem os livros da Ática e terem um melhor aproveitamento do material em sala; esses cursos são oferecidos pela equipe de assessoria pedagógica da Editora. E, para as crianças de 6 a 10 anos, foi criado o Planeta das Histórias, segundo a editora, um encontro muito concorrido que ocorre na matriz, em São Paulo.

Como tentamos mostrar através da visão dos seus editores, a Editora Ática tem se dedicado, desde sua origem, principalmente à atividade na área educacional e seus livros didáticos visam tornar a comunicação com o estudante mais direta e informal. Este trabalho de divulgação e sua política de marketing parecem ter sido fundamentais para o sucesso e a aceitação desta editora no mercado livreiro brasileiro.

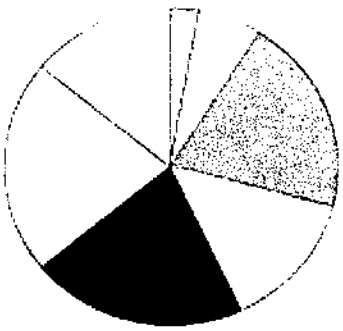
Sabemos que Anderson Fernandes Dias, médico formado pela USP, especializado em doenças infecto-contagiosas, professor no início do colégio Santa Inês, foi importantíssimo na linha editorial assumida pela editora.

Possivelmente a forma de divulgação da editora foi inspirada na indústria farmacêutica, de acordo com a editora, e foi essa estratégia de divulgação diferente que colocou a editora Ática de líder na adoção de livros didáticos para o primeiro lugar também no setor em geral, de sua fundação até o final dos anos 1980.

O trabalho de divulgação, segundo a editora, consistia em colocar nos carros dos distribuidores as publicações da editora que iam de escola a escola fazer com que seus materiais fossem conhecidos pelos professores. Caso fosse necessário, bateriam à porta dos professores para deixarem-lhe um material para exame.

Segundo a editora, essa forma de divulgação, que fora planejada por Anderson Fernandes Dias, presidente da empresa até 1988, ano de sua morte, continua.

Já em 1999, 34 anos após sua fundação, a Ática foi comprada pela Editora Abril em parceira com o grupo franco-espanhol Havas-Anaya, controlada pelo grupo francês Vivendi. Isso representou para essas empresas uma oportunidade de investimento no mercado de livros escolares no nosso país.



Paradidáticos = 14%
Didáticos = 22%
Lit. Infantil = 21%
Lit. Juvenil = 14%
Universitários = 20%
Literatura Geral = 6%
Interesse Geral = 3%

Fonte: http://www.atica.com.br

Dos 2715 títulos distribuídos no catálogo da Ática de 2000, 22% são livros didáticos, 21% de Literatura Infantil, 20% Universitários, 14% Literatura Juvenil e 14% Paradidáticos. 6% dos livros são de Literatura Geral e 3% livros de Interesse Geral. Visto, 91% do catálogo é composto por livros de área educacional, sendo o grande forte da editora. Desses 91%, 56% são livros didáticos, que incluem os didáticos, paradidáticos e Universitários. 41% são de Literatura e 3% livros de interesse geral.

Editora Companhia das Letras

Para o estudante de administração da Getúlio Vargas, Luiz Schwarcz, suas pretensões profissionais, que não eram segredo para seus amigos, não eram a de estagiar na Ford, cujo convite fora recusado.

Desde cedo seu interesse era em outra área, segundo *Momentos do livro no Brasil* (1995). O convite de estágio que Luiz aceitou foi na Brasiliense, a pedido do Eduardo Matarazzo Suplicy, então chefe do Departamento de Economia da Faculdade GetúlioVargas.

O período de treinamento de Schwarcz foi curto, pois, devido ao seu empenho, logo se tornou braço direito do dono da Brasiliense, Caio Graco Prado, que fez dela uma das editoras mais atuantes no país. Prado falou por mais de uma vez que, quando se aposentasse quem assumiria seu lugar seria o jovem estudante da GV, aspirante a editor, segundo o livro *Momentos do livro no Brasil.*

Em 1986, logo depois de Schwarcz comunicar que se afastaria da empresa, ele fundou a Companhia das Letras.

Era um período de transição, do declínio da ditadura e de abertura política e do ponto de vista econômico, de profunda recessão e desemprego. Na área educacional, segundo XAVIER et al. (1994) foi um período de reorganização,

> ...com importantes reflexos qualitativos para a reflexão educacional. Várias entidades são criadas, tais como o **Cedes** (Centro de Estudo de Educação e Sociedade), a **Anped** (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) e a **Ande** (Associação Nacional dos Docentes em Educação) (1994- 271).

A Companhia das Letras funcionou durante algum tempo no fundo da gráfica Cromocart, de propriedade da família de Schwarcz, no bairro paulistano da Barra Funda, mas as dificuldades que surgiram no início do negócio foram rapidamente superadas, de acordo com *Momentos do livro no Brasil* (1995), logo no primeiro lançamento: *Rumo à Estação Finlândia*, de Edmund Wilson. O livro virou *best seller* e vendeu bem acima do esperado. Em seguida, a editora alcançou igual êxito ao publicar o ensaio *Tudo que é sólido desmancha no ar,* de Marshall Berman.

A característica da editora passou a ser a alternação de *títulos comerciais com textos mais complexos. Pouco a pouco o novo editor descobriu o filão que faria de sua empresa uma das líderes de mercado* (1995:189).

Nos seus primeiros doze meses de existência, lançou 48 títulos, 4 por mês, um número significativo para uma editora que iniciava no fundo de uma gráfica.

Hoje, a produção da editora é bem diversificada e no seu catálogo encontramos obras de grandes escritores estrangeiros de ficção como Ítalo Calvino, Elias Canetti, John Updike entre outros. Autores brasileiros de renome como Nelson Rodrigues, Rubem Fonseca, incluindo os intelectuais Antônio Candido, Roberto Schwarz entre

outros e também artistas populares, como Bruna Lombardi e Chico Buarque, fazem parte do quadro da produção desta editora.

Novos projetos editoriais além da ficção, são lançados no gênero "biografia": Assis Chateubriandan, Freud, Lacan e Oscar Wilde.

A atuação da editora também está presente na literatura infantil. Cria-se um selo em 1992, a Companhia das Letrinhas, que traz como proposta:

> ...editar livros afinados com a sensibilidade infantil, capazes de mobilizar nas crianças sua capacidade cognitiva, seus desejos de auto-expressão, sua necessidade de ir organizando o mundo. Livros que sejam para elas uma experiência cada vez mais perceptível de independência
>
> **Fonte:** http://www.companhiadasletras.com.br

Em 1994, a Editora lança a Cia. das Letras que está voltada para o público leitor que ainda não alcançara. Um público que a princípio não leria livros infantis e ao mesmo tempo não seriam leitores como os previstos pela Companhia das letras.

A Cia das Letras, segundo o catálogo *... são livros para muitas idades e muitos tipos de leitor...*" (2001: 91). Ela desenvolve duas linhas básicas publicando, de um lado, livros de ficção e não-ficção voltados para pré-adolescentes e adolescentes e, de outro, obras de interesse para as diferentes faixas etárias, como *O mundo de Sofia, O diário de Zlata* e *Sexo é sexo*. Este é o selo da editora que compõe os livros da Cia das Letras:

CIA. DAS LETRAS

Em 2001, no catálogo adulto da editora encontram-se 149 títulos, incluindo os lançamentos dos outros dois selos da editora: a Companhia das Letrinhas e a Cia das Letras.

Como a Editora Ática, os quadros fixos da empresa distribuem-se nos departamentos de edição, produção gráfica, divulgação e atendimento a professores,

vendas e administração. Além disso, segundo o site, conta com um corpo de colaboradores de primeira linha nas áreas de tradução, preparação de texto, revisão, pesquisa iconográfica, ilustração e design gráfico.

Literatura e ciências humanas são, desde o início, as duas principais séries editoriais da Companhia das Letras. Alas são ramificadas em ficção brasileira, ficção estrangeira, poesia, policiais, crítica literária, ensaios de história, ciência política, antropologia, filosofia e psicanálise. Outras séries ganharam corpo: fotografia, gastronomia, divulgação científica, biografias, memórias e relatos de viagem, ao lado de projetos especiais.

> Cuidadoso na programação de lançamentos, Schwarcz parte do princípio de que o livro é sobretudo alternativa de lazer e, como tal, uma opção entre outras à disposição do público consumidor de produtos culturais. Numa entrevista, ele afirmou que as dificuldades de leitura muitas vezes têm origem no seu próprio aprendizado: "Durante muito tempo a forma de ensinar ler foi – e em alguns lugares ainda é – chata e desestimulante. Há a concorrência de televisão e dos videogames que, frente a uma opção chata, são escolhas muito agradáveis, das quais sou partidário e defensor (1995:189).

Podemos perceber que, para Schwarcz, a leitura deveria ser fruição, prazer, assim como o ensino de leitura, pois, como ela concorre com outros meios de comunicação de massa, deve, portanto, também se destacar para tornar-se uma opção, entre muitas, para os jovens. Como afirma a editora em seu site, *Uma mesma proposta de trabalho dá unidade ao catálogo da editora: publicar livros que, pela qualidade do texto e da produção gráfica, sejam um convite à leitura.*

A Companhia das Letras destaca-se no mercado atual, segundo *Momentos do livro no Brasil* (1995), pela sua coerência na linha de publicação e agressividade na promoção.

As duas editoras, como vimos, surgem em momentos diferentes, com projetos editoriais bastante distintos e disputando no mercado consumidor de livros o seu espaço e a construção de sua identidade.

Apesar desta origem diferenciada e de projetos editorias diferentes entre si, ambas editoras têm em comum uma mesma faixa etária a atingir: o leitor infantil. Ambas acreditam colaborar na formação do leitor criança, que futuramente poderá ser o leitor adulto de sua produção.

Quais são suas idéias a respeito desta educação de leitor? Que livros devem ser oferecidos a ele? Que experiência de leitura ela deve executar?

A análise dos catálogos da Ática e da Companhia das Letrinhas tentou responder a estas questões, delineando também como essas editoras se diferenciam com relação ao lugar e a forma que ocupam no mercado editorial.

IMAGEM DE LEITOR E LEITURA

Os catálogos podem servir como lugar em que se percebe um perfil de leitor, unindo "o quê" com o "quem" da leitura (DARTON, 1992).

Estamos entendendo que os catálogos, na medida em que trazem um conjunto de obras, autores, gêneros, a serem oferecidos a um leitor, também nos oferecem um "modelo" do que as editoras constroem para este leitor e sua relação com os livros.

Por isso, neste capítulo analisaremos algumas questões a respeito das imagens que acreditamos ser possíveis de identificar nos catálogos. Para tanto, tentamos rastrear alguns aspectos inscritos no projeto editorial da Ática e da Companhia das Letras, reveladores das intenções dos editores, de suas estratégias para conquistar o mercado, de suas concepções de leitura e de literatura. Estamos focando nosso olhar principalmente no aspecto da composição das capas; na apresentação das obras; nos sumários; na organização da produção no interior do catálogo e na "biblioteca" de obras, autores, temas, gêneros que eles oferecem.

Pelas características materiais do catálogo buscaremos analisar e conhecer quem é o leitor pressuposto pelas editoras e aquele que elas desejam conquistar. Também o identificaremos através das vozes que ecoam nesses materiais, seja pelos depoimentos de escritores, fragmentos dos Referenciais e Parâmetros Curriculares ou ainda a ausência deles.

Deteremo-nos também nos protocolos de leitura, termo utilizado por Chartier (1996) para designar os procedimentos, as orientações, as normas, marcas, convenções deixadas no texto pelo editor e que são planejados de acordo com a imagem que eles têm do leitor que pretendem atingir.

Os catálogos, normalmente, oferecem-se como material de identificação e reconhecimento pelo leitor/professor de obras literárias, quer legitimadas por preocupações pedagógicas ou servindo-se eventualmente para a compra ou indicação de adoção.

> ...Assim, um livro que aspira ao circuito escolar é circundado – no catálogo que deve promovê-lo junto aos professores – de um conjunto de informações que só constam no catálogo por corresponderem à

> imagem que os editores fazem do que é e do que não é relevante para o professor que adotará o livro... (LAJOLO, 1993:29).

De acordo com Bourdieu (1996), os textos, quando interrogados não mais somente como textos, transmitem uma informação sobre seu emprego, seu uso, finalidade, maneira de ler e de manipular o texto; os textos trazem orientações sobre o que quer que o leitor faça com o texto, onde ele deve prestar atenção, como prender sua atenção. Consideramos interessante e importante, nesse caso, notar algumas marcas explicitas do esforço, por parte da produção dos catálogos, de controlar a recepção do leitor.

Como apontamos, as editoras produzem seus catálogos a partir da imagem que tem do seu público consumidor. Sabido que os consumidores dos catálogos analisados são em sua grande maioria professores, então, quais serão os leitores-professores idealizados pela editora Ática e Companhia das Letrinhas? São os mesmos professores? Estas editoras têm imagens semelhantes a respeito desses professores?

Segundo Silva (1998) e Ferreira (1999) os estudos sobre leitura têm aumentado, inclusive sobre leitura do professor, pois este se encontra em uma posição estratégica no processo de formação de novos leitores.

O leitor-professor imaginado por nós, nas páginas do catálogo vão ao encontro do professor citado por Silva (1988:143) no seu trabalho sobre imagem do professor-leitor produzida pela mídia escrita:

> Falamos de um professor-leitor construído com tinta e papel pela imaginação de alguém, um leitor representado. De uma imagem que jamais será única, e sim, plural, partida, de mil faces e identidades. Algo inacabado, instável e fugidio, que se mostra e se esconde no jogo de sombra e luz da escrita nos impressos.

São imagens que se constroem a partir do conhecimento empírico de professor e que é trabalho de muitas mãos, pois são muitos os profissionais envolvidos na

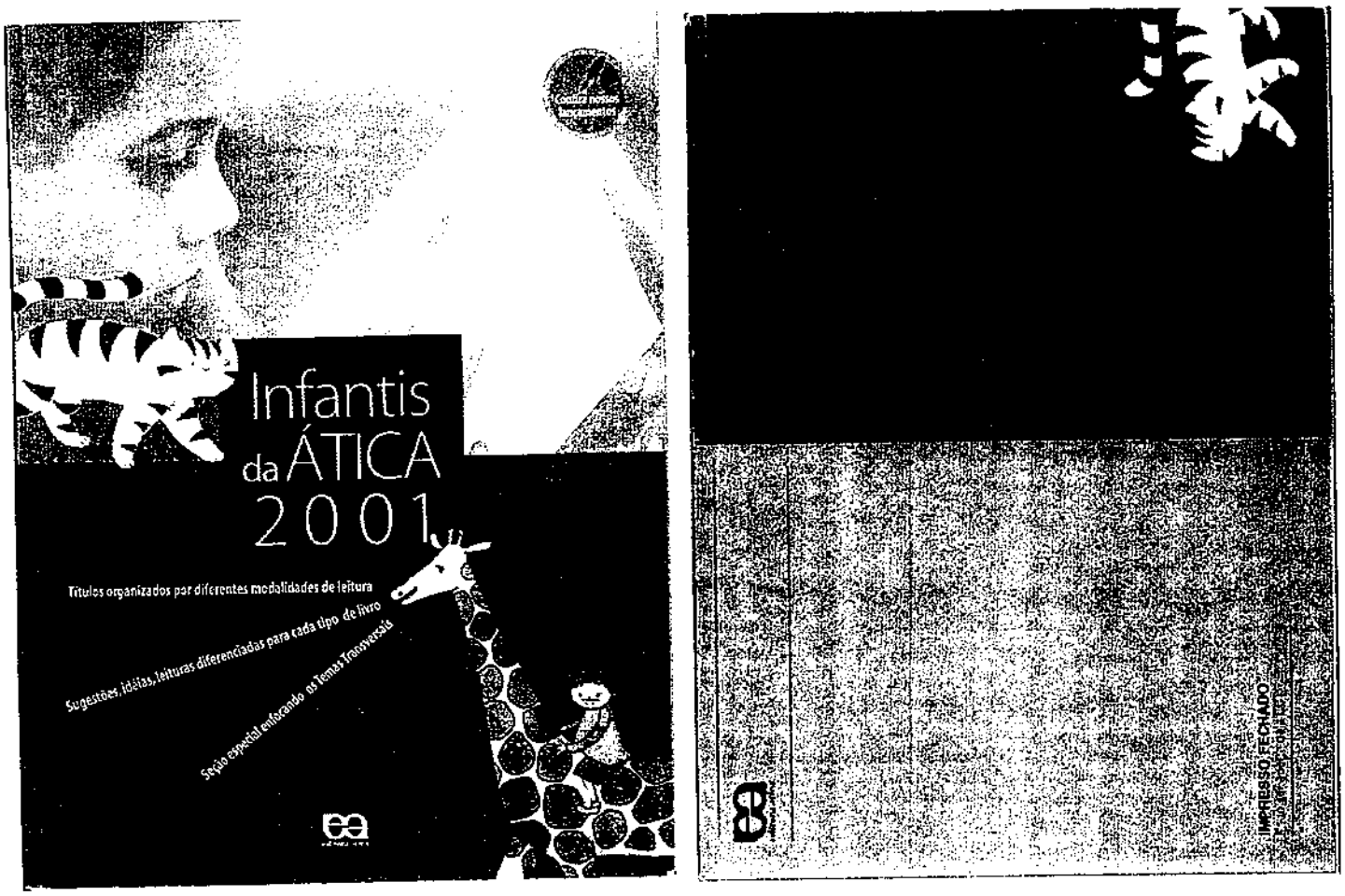
construção dessas imagens, que, por vezes, estão veladas, outras desveladas, como veremos a seguir.

Por outro lado, os catálogos trazem marcas no seu projeto editorial que revelam uma distância e uma aproximação com a história das editoras, comentada anteriormente neste trabalho. Olhando, neste momento, para os catálogos e não mais para a história construída nos sites e no livro *"Momentos do livro no Brasil"*, como as editoras vêm se apresentando ao público leitor do século XXI?

Como elas constroem através de seu projeto editorial o jogo entre o leitor-jovem a ser conquistado e o leitor que pretende "educar", formar?

CAPA

Editora Ática



O formato do catálogo, 22 cm X 24 cm, remete-no a um livro didático como tantos utilizados pela escola. Ao olharmos para capa, vemos de imediato que o logotipo da editora fica centralizado como destaque no final da capa e que ela é dividida ao meio em duas cores. Da metade para cima da página temos em laranja e, em primeiro plano, a ilustração de um tigre, de Eliardo França, para o livro *Que confusão*, que está andando em cima da linha de divisão das cores. No alto da capa há um circulo com um foguetinho, dentro está escrito: "Confira nossos lançamentos". E em segundo plano, um garoto moreno lendo um livro.

Na parte de baixo da capa, em azul céu, temos a ilustração de Maria Eugênia para o livro *Rick e a girafa*, um garoto sentado em uma girafa. No centro da capa, entre as duas cores, há um quadrado em verde com a indicação: Infantis da ÁTICA 2001.

E ao lado da boca da girafa, como se ela pronunciasse, estão impressas as seguintes informações: *"Títulos organizados por diferentes modalidades de leitura". "Sugestões, idéias, leituras diferenciadas para cada tipo de livro." "Seção especial enfocando* os temas transversais."

O texto (as falas da girafa) aponta para outro destinatário: o professor. Será ele quem encontrará no catálogo títulos de obras para modalidades diferentes de leitura; sugestões, idéias diferenciadas para cada tipo de livro. E mais, uma parte especialmente para os temas transversais.

A capa da frente traz, assim, a ambivalência da oferta de livros para criança. O catálogo traz obras infantis, porém quem os selecionará, indicará, e incitará a leitura serão os professores. Aqueles que, além de conhecerem as obras que a editora oferece, precisarão também de idéias e sugestões para trabalhar com eles em sala de aula. Este professor não apenas indica obras, mas propõe atividades e, quanto mais diversificadas, melhor. Quanto mais conectadas com o discurso pedagógico, com os temas transversais, melhor.

A capa ainda traz como texto uma ordem: "*confira*" e "*Lançamentos*". Uma mistura de convite à leitura, fantasia e imaginação com leitura didática de novos livros lançados no mercado.

Um tigre, uma girafa, animais exóticos para nós, um foguete, um garoto com um livro: todas essas imagens identificam o leitor a que se destina: uma criança. E reforçando o destinatário a informação: "Infantis da Ática 2001", tudo com muita cor e bem ilustrado.

A capa final também dividida ao meio, pelas cores azul e laranja, não traz a inscrição central. Interessante destacar aqui que a capa final não é para ser lida na mesma posição que a capa da frente, precisamos virar o catálogo na posição horizontal (deitado) para conseguirmos ler as informações que ela apresenta.

Interessante destacar o jogo montado com as cores, imagens e informações inscritas na capa da frente e na final, pois ao lermos o catálogo, temos uma arquitetura que leva a um manuseio que rompe com o que vemos apresentado, por vezes, em outras capas.

Há, assim, um jogo na divisão das cores entre as capas revelando um cuidado estético da editora com esta parte do catálogo, que é o primeiro contato do consumidor que ela quer conquistar.

Na capa final, temos o endereço da editora escrito na lateral e no alto. Na parte de baixo, ainda em laranja, o aviso de que pode ser aberto pela ECT, "*IMPRESSO FECHADO*", que indica seu envio pelo correio.

Na parte azul, temos o tigre da capa inicial andando, também na lateral, o que dá o sentido, a direção da leitura que deve ser feita nesta capa final. Ele caminha em direção à informação: "*IMPRESSO FECHADO. Pode ser aberto pela ECT.*"

Em relação à imagem que está em segundo plano, na capa da frente, na parte laranja, temos, como já dissemos, um garoto lendo um livro infantil, que não é dos mais finos, ele parece realmente envolvido com a leitura, pois seus olhos estão em direção ao texto do livro, no alto da página, e não à ilustração.

Sua mão esquerda está apoiada ao lado da cabeça e sua mão direita segura o livro por trás, próximo aos olhos, parecendo não ter percebido ser flagrado, fotografado no momento de sua leitura. Com certeza, ele apresenta uma expressão concentrada, de envolvimento total.

Alguns levantamentos poderiam ser feitos a partir dessa imagem: A leitura seria sempre algo tão fascinante que nos prenderia a ponto de não percebermos o que está acontecendo ao nosso redor? Este catálogo apresentaria esse tipo de livro, interessantíssimo, que prenderia a atenção de toda e qualquer criança? O leitor ideal a ser imitado é este: aquele que se envolve com a leitura a ponto de não perceber estar sendo fotografado?

Por essa imagem não podemos saber o lugar em que o garoto lê. É uma leitura que acontece em qualquer lugar, é o encontro dele com o livro. Sua postura nos indica que ele está todo envolvido na leitura; seus olhos, sua atenção, seu corpo.

Abrindo o catálogo, na contra capa, no alto da página e comportando metade da folha temos, em fundo verde, a informação: *Conheça nosso catálogo,* com a indicação do que encontraremos no sumário, no índice de títulos e o significado das siglas dos prêmios ou destaques que os livros ganharam.

Mesmo antes do leitor do catálogo conhecer as obras que ele oferece, parece importante para a Editora informar o quanto o seu catálogo é premiado por instituições reconhecidas nacional e internacionalmente. Isto nos leva a pensar que um dos critérios que orienta a escolha de uma obra, mais do que conhecê-la ou gostar dela, é saber que instituições especializadas concederam-na de qualidade como:

BOLONHA - Principal feira de livros para crianças e jovens, a Feira dei Libri per Ragazzi, que ocorre anualmente na cidade de Bolonha, Itália. FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil RJ, seção brasileira do Internacional Board on Books for Young People, órgão consultivo da Unesco para o livro e leitura. JABUTI - Prêmio anual, oferecido pela Câmara Brasileira do Livro – SP. PNBE – Livros selecionados pelo MEC para o Programa Nacional Biblioteca da Escola e UBE – União Brasileira de Escritores, RJ.

Na metade de baixo, a página está dividida também pela metade com as cores: laranja e azul. Na parte laranja temos os responsáveis pela concepção e pesquisa do catálogo, pela assessoria pedagógica, edição de arte, pela revisão e os responsáveis pela editoração eletrônica e foto da capa e ilustrações da capa.

Vemos, então, que a equipe responsável pela produção do catálogo é bastante diversificada, vai desde uma assessoria ligada à educação aos especialistas responsáveis pela produção do catálogo propriamente dito. Esta equipe ilustra a união atingida entre livros para crianças e escola.

Há ainda, no alto da parte azul, ocupando uma parte do verde, a ilustração de um homem com barbas e vestimenta, que o caracteriza como pertencente à cultura grega. Ele está arrumando as asas em um garoto e parece estar aconselhando algo a ele. O garoto está olhando para as asas. Essa imagem sugere o mito grego de Ícaro.

O mito de Ícaro, como sabemos, tematiza o desejo milenar do homem de voar, como os pássaros. Neste mito, Ícaro, entusiasmado pelo vôo se esquece das

recomendações de voar a uma altitude média, aproxima-se demais do sol que derrete a cera que prendia suas asas e precipita-se no mar.

Esta ilustração na contra capa nos aponta, no mínimo, duas possibilidades de leitura. Não sabendo do que se trata a imagem, um leitor não conhecedor da mitologia grega, pode ver apenas a imagem de um adulto dando asas a uma criança. Dando lhe possibilidade de voar para onde queira. O olhar do adulto para criança e não para o ajeitamento das asas pode indicar a possibilidade de que ele esteja fazendo recomendações, pois voar é arriscado pode levar para lugares longínquos e desconhecidos e até perigosos.

Para o conhecedor da história de Ícaro, uma segunda leitura seria acompanhada do próprio mito, em que a desobediência do jovem em relação à recomendação do pai levou-o a cair no mar. De qualquer forma, ambas as leituras sugerem uma imagem de leitura de livros como aquela que permite voar, mas voar não muito alto. É a imagem do adulto que, em relação a criança, orienta, aconselha, oferece, proporciona um conhecimento controlado. É a idéia de leitura controlada, adequada aos limites e capacidades de cada um.

Na contra capa final do catálogo, temos os nomes dos distribuidores da Ática e o aviso de que todos os livros da editora encontram-se nas livrarias de todo o Brasil, e que caso não se encontre o livro na cidade, pode-se adquiri-lo diretamente na distribuidora do seu Estado. Essa informação mostra que os livros da Ática estão disponíveis e acessíveis em todo território nacional, o que destaca a importância e a grandiosidade da editora, além de uma audaciosa estratégia comercial.

Editora Companhia das Letrinhas

A capa do catálogo da Companhia das Letrinhas é azul escuro com a inscrição CATÁLOGO em lilás, abaixo o ano, 2001, em laranja. Ambas as inscrições estão em letras e números pequenos e no alto da capa, deixando que as cores inundem os olhos de quem vê.

Centralizado e na parte de baixo da capa, também em laranja, saltando aos olhos, temos a logomarca da editora: "meios de transporte", no caso uma bicicleta; e o selo da editora, "Companhia das Letrinhas", destinado a livros infantis. Lembremo-nos que o selo Cia das Letras é destinado a um público mais maduro, no caso juvenil, e o selo Companhia das Letras destinado ao público adulto, como vimos na história da editora.

O logotipo parece ter sido desenhado e escrito à mão, com uma letra cuidada que, ousarmos até dizer, parece ser de professora, letra cursiva que lembra a letra existente na escola, onde ela ainda se encontra, onde é lida, ensinada e exercitada.

Estes elementos do logotipo, uma bicicleta, o diminutivo do nome da editora, Companhia das *Letrinhas*, escrito em letra cursiva, já são suficientes para se entender que este catálogo destina-se ao público infantil. E diferentemente da Ática, ele não explicita na capa o destinatário, o professor, como também não traz mais nenhuma informação escrita.

Do alto da capa inicial, capa final e da página inicial do catálogo temos fios brancos e retos que vão ao encontro das diversas personagens presentes nas histórias dos livros do catálogo e que estão espalhadas ao longo das capas separando as sílabas da denominação "CATÁLOGO 2001". Cada personagem está ligada a um fio branco que sai do alto da página ao seu encontro.

São dez as personagens presentes nas capas (cinco na capa da frente, que se repetem na página inicial, e os outros cinco na capa final) e de forma mais diversa: bichos, meninos, homens e mulheres. São personagens tanto de livros traduzidos quanto nacionais e é possível, com uma visão atenta, identificá-las, ao longo das páginas, nas obras de referência.

As personagens não estão posicionadas na mesma direção, umas estão mais altas outras mais em baixo, umas comem o fio, outras desenham, outras escrevem, algumas ainda fazem dele fio de pipa, corda, mas todas estão penduradas ou presas a eles.

Nas ilustrações da capa, as ações das personagens em seus diferentes fios nos sugerem as diferentes funções e papéis presentes na composição de um livro. Por

exemplo: a que come o fio, pode ser associada à idéia de leitor que "devora", "engole" o livro que lê. A personagem que desenha o próprio fio, talvez, possa ser identificada como ilustrador. Aquela que escreve com o fio seria o próprio escritor, inventor de histórias. E os que brincam, uma está laçada e a outra sentada nos fios são os leitores que assumem atitudes diversas com as histórias que lêem, que se sentem presos, envolvidos nelas.

São muitas imagens de leitura, mas todos compõem uma idéia de leveza, de brincadeira, de algo que prende (o fio e o personagem), mas que também está solto, balançando no ar, na capa. É o leitor que se prende na personagem que está preso no fio ou é o que balança ou o que se segura nele.

O catálogo não apresenta contrastes de cores na capa, como o da Ática, por exemplo, mas, se fora a capa é azul, abrindo o catálogo, a contra capa é laranja. Novamente a combinação laranja e azul, cores fortes, vibrantes. Ao longo do catálogo, todas as páginas apresentam a mesma cor: champagne, ressaltando, deixando em destaque as palavras e as imagens inscritas nelas.

Na primeira página do catálogo, temos os mesmos personagens da capa da frente e a paginação dos selos do catálogo: o da Companhia das Letrinhas e da Cia das Letras. O catálogo traz tanto os livros infantis quanto os juvenis da editora, representados pela Cia das Letras, também precedidos por uma apresentação. Este selo encontra-se no final do catálogo. Mesmo não analisando este material, ele nos deixa algumas questões: Por que não aparece na capa do catálogo em que os livros juvenis da editora estão presentes? Com esse intuito, qual sua intenção?

Analisando o formato da capa, ela nos remete a um livro infantil 21 X 20,8 cm e as imagens – as personagens que estão presas aos fios, à leitura como fios de uma trama, que nos envolve, prende, permeia, mas permite também divertir-se, balançar, descansar, brincar.

Este tamanho mais próximo ao livro de literatura, sem relação explicita com informações para o professor, leva-nos a afirmar que a editora propõe uma apresentação menos didática. Apenas a letra cursiva em Companhia das Letrinhas, que parece ser de professora, permite pensarmos em uma referência sutil ao professor ou, pelo menos à escola.

Talvez, esta estratégia visual leva-nos a dizer até que seria uma obra destinada a crianças se não houvesse a inscrição "catálogo" na capa e não soubéssemos sua finalidade.

Como já dissemos, na contra capa final, em laranja, não há nenhuma informação. As distribuidoras da editora estão nas páginas finais do catálogo, após o índice remissivo. E as informações técnicas encontram-se na página final do catálogo e diz respeito ao projeto gráfico e a diagramação, editoração eletrônica, fotolito e impressão. Não há referência à equipe editorial e nem à presença de uma assessoria pedagógica, como na Ática.

Questionamos porque os créditos do material encontram-se na última página do catálogo na Companhia das Letrinhas e, no da Ática, na contra capa da frente.

Seria uma preocupação com a harmonia? Ou com a trama que o material nos remete? Ou seria mesmo porque a Ática, como um livro didático, tem em seu catálogo uma equipe profissional e responsável pelo que propõe aos professores fazerem com seu material?

Como vimos, as referências do catálogo da Ática, o tipo de informação, o local onde as encontramos divergem da Companhia das Letrinhas. A impressão que tivemos é que Companhia das Letrinhas está mais preocupada com os dados a respeito do aspecto gráfico do material e a Ática com os responsáveis pela organização do material.

Podemos confirmar nossa impressão ao comparamos os tipos de profissionais envolvidos na confecção do catálogo da Ática, em que até assessoria pedagógica e pesquisadores encontramos. O motivo de estar na contra capa pode ser não apenas o de dar créditos ao trabalho, mas oferecer ao professores confiança e segurança em relação ao material que estão oferecendo e formas de utilizá-lo.

Em relação a outras informações presentes na contra capa do catálogo da Ática, os prêmios e destaques das obras, a Companhia das Letrinhas não apresenta o significado das siglas de seus prêmios.

As capas de ambos os catálogos indicam-nos que o que há inserido dentro de suas páginas é material para crianças, já marcando suas diferenças no mercado, pois no catálogo da Ática há uma infantilização das ilustrações e orientações mais diretas e específicas sobre o que encontraremos no catálogo. Ele se dirige diretamente aos professores e profissionais da educação, mesmo sem mencioná-los, pois traz informações que dizem respeito exclusivamente ao universo educacional.

UNICAMP ... TECA

Quanto à Companhia das Letrinhas, embora não apresente desenhos tão infantilizados, ainda assim eles são reconhecidos como pertencentes ao universo infantil.

APRESENTAÇÃO

A apresentação é um texto em que os organizadores do catálogo dirigem-se diretamente aos seus leitores, expondo seu projeto editorial, suas intenções e concepção a respeito do que pensam sobre leitura, literatura e formação de leitores. De forma explícita, destacam obras, autores, concepção e convicção a respeito da importância da leitura, nesse caso, de literatura, construindo assim uma definição ou uma identidade para sua editora.

Aqui, estamos destacando os textos que abrem os catálogos da editora Ática e Companhia das Letrinhas.

Editora Ática

A página de apresentação da editora Ática inicia-se com o editor informando que a poesia de José Paulo Paes, autor conhecido e respeitado pela crítica especializada, está de novo presente no catálogo, agora com mais dois livros inéditos do autor. Faz um breve histórico sobre sua vida e ressalta a experiência literária do autor, seu prazer pela leitura e seu pacto com a literatura. Destaca, ainda, a competência do autor em escrever para criança e sua capacidade de falar de igual para igual com elas, sem perder o rigor e qualidade literária presentes em traduções e em poemas "de gente grande". (As aspas, são grifos do próprio editor).

A Ática diz estar orgulhosa por participar do processo que inicia "*....sua coleção de poesia infantil com um autor que cativa no jeito simples e na linguagem lúdica...*" e, traz " *... para a felicidade dos pequenos leitores...*"os livros *"Olha o bicho* e *poemas para brincar"* e os inéditos "*Vejam como eu sei escrever"* e "*Os encontros de um caracol aventureiro e outros poemas de Federico Garcia Lorca (tradução)"*

A editora ressalta ainda que a sensibilidade poética de José Paulo Paes está nestas obras acompanhado do talento de ilustradores que não só completam, como também extravasam o sentido dos jogos do poeta. Nesta apresentação, podemos dizer

que a Ática usa a poesia de José Paulo Paes como uma "porta de entrada" para incentivar a poesia como um todo.

Os recursos que a editora utiliza nesta apresentação buscam destacar um gênero – a poesia – com uma linguagem lúdica e através de um poeta conhecido, consagrado e reconhecido, com várias publicações de uma mesma obra, no mercado editorial, com poemas publicados também em livros didáticos, premiados por várias instituições especializadas.

A editora ainda aponta como esse poeta constrói um vínculo entre a linguagem e sua função: pela competência, pela qualidade literária, pelo rigor, pela capacidade do autor de falar "de igual para igual" às crianças, de maneira simples e lúdica.

Nesse caso, a editora chama atenção para dois aspectos: a importância de se ter uma poesia de qualidade literária que atenda aos critérios dos leitores mais "privilegiados", mais exigentes, talvez os professores, e a necessidade de que esta poesia esteja à altura do entendimento e gosto do leitor infantil.

Subtende-se, assim, que, no mercado editorial, muitas vezes, a produção literária voltada para crianças nem sempre é de qualidade, como critica LAJOLO (2002), principalmente, na década de 80, uma poesia "infantilizada", redutora, em circulação na escola.

Subtende-se, ainda, que o leitor infantil precisa ter uma linguagem diretamente dirigida a ele, de maneira simples para que ele possa usufruir deste gênero-poesia. Ler poesia não é fácil, não é uma fruição que acontece "naturalmente". Há que se cuidar de alguns aspectos como, por exemplo, a linguagem adequada ao leitor.

É provável que a editora tenha escolhido o gênero poesia, entre os muitos existentes na literatura brasileira, por entender que a poesia é um gênero bastante aceito no universo escolar. Por outro lado, a poesia também tem sido considerada "uma frágil vítima da escola" como aponta Marisa Lajolo (2002), e o trabalho de qualidade de José Paulo Paes seria uma estratégia da editora de oferecer um certo conforto aos seus consumidores em relação às baixas qualidades atribuídas a esse gênero.

De qualquer modo, a editora, que como vimos na capa parece ter como seu principal interlocutor o professor, está patrocinado a importância de um gênero e de um autor, destacando para o menos informado as qualidades desta produção.

Companhia das Letrinhas

O catálogo da Companhia das Letrinhas de 2001 traz um breve texto com referências a respeito do interesse e do prazer das crianças em relação à leitura e aos livros. Optamos por transcrever a apresentação, na íntegra, para em seguida traçarmos algumas considerações a respeito de leitura e leitor e compararmos alguns pontos semelhantes ou diferentes em relação à apresentação da editora Ática.

> *As crianças gostam de ler. Quando ainda não sabem fazer isso por conta própria, adoram ouvir histórias, adoram que alguém leia para elas em voz alta. Mas não se pode oferecer um livro a uma criança e convencê-la de que esse livro é bom. Elas gostam ou não gostam, e o modo como formam juízos críticos não aceita argumento discursivos.*
> *Livros bonitos, afinados com a sensibilidade infantil, capazes de mobilizar nas crianças sua capacidade cognitiva, seus desejos de auto-expressão, sua necessidade de ir organizando o mundo. Livros que sejam para elas uma experiência cada vez mais perceptível de independência: diante da página impressa, todo leitor está sozinho com sua imaginação, o único lugar onde cada um de nós pode viver a vida que deseja.*
> *É isto que a Companhia das Letrinhas gosta de oferecer aos seus leitores, pequenos e grandes: uma boa leitura* (Catálogo 2001: 03).

A partir dessa apresentação, a afirmação que podemos destacar é o pressuposto dado pela editora: de que toda criança gosta de ler. Possivelmente nenhuma editora negaria isso, já que sua função é vender livros e quanto mais leitores, maior a produção e venda de seus livros.

Por outro lado, se há pessoas que pensam que os adultos são importantes para que a criança saiba e goste de ler, estão muito enganados, segundo a editora, pois ela afirma de um certo modo, que ler é inerente à criança, pois "as crianças gostam de ler".

As que não gostam de ler, ou não querem ler, ou são crianças que não tiveram contato com livros bonitos, interessantes ou, ainda, foram submetidas à juízos de valor a respeito do que é bom ou do livro que deveriam ler, feitos por outros, negando seu desejo e sua independência como leitora.

Nesta apresentação, portanto, a editora relativiza a função do adulto, (professores, pais) como aqueles que, junto com a criança, constroem uma história de leitura. Não vemos aqui a figura do professor, nem do pedagogo, psicólogo, literário a legitimar uma obra. Quem escolhe os livros, para a Companhia das Letrinhas, é a própria criança ao ter o encontro com eles. E assim, a leitura se efetiva, bastando oferecer às crianças, bons livros, dos quais ela gostará, mesmo que ainda não os leia.

Acreditando e contando com a independência da criança na escolha de seus livros e na capacidade inata da criança para gostar de ler, a editora aponta para uma vertente pedagógica atual, sustentada por uma concepção de criança autônoma, que sabe o que quer e que atua com liberdade. Argumentos contrários, mesmo discursivos a respeito dos livros podem levá-la a não ler as obras das quais não goste e muito menos em trocar os livros.

É a ditadura da criança e, por trás dela, a crença de que a criança constrói sozinha o seu gosto pela leitura, num processo individual e numa relação direta com o próprio objeto que manuseia.

Nesta educação do leitor, o objeto - livro - deve ser de qualidade, bonito, mobilizador de processos cognitivos e de experiência com a imaginação. Uma concepção de que a leitura, enquanto produção de sentidos e significados, dá-se no encontro direto entre um leitor e um objeto, que mobiliza por si só, competências, desejos, vivências.

Uma concepção de leitura que desconsidera que, por si só, a leitura, não modifica as pessoas, não as torna melhores, nem autônomas. Uma idéia de leitura bastante diferente daquela apontada pelos estudos de CHARTIER (1996), em que a leitura é uma prática social e por ser uma prática social é encarnada em gesto, espaços, hábitos, aprendidos em comunidades de leitores.

Os indivíduos pertencem a determinadas comunidades de leitores. Nelas, eles "aprendem" disposições específicas, competências e habilidades cognitivas, normas, convenções e usos de ler. Assim cada indivíduo não nasce leitor e nem "desabrocha" leitor num processo espontâneo e natural.

Mesmo entendendo que a literatura carrega um aspecto sempre singular e plural específico para cada leitor no encontro com os textos (CERTEAU: 1992), estamos destacando, aqui, a desconsideração desta concepção de leitura, assumida pela Companhia das Letras, como uma prática concreta social e historicamente determinada.

Essa concepção vai ao encontro da proposta da editora, que pode ser percebida na história da editora: "Livros que sejam para elas uma *experiência cada vez mais perceptível de independência*" e também na apresentação da editora no site, "Uma mesma proposta de trabalho dá unidade ao catálogo da editora: publicar livros que, pela qualidade do texto e da produção gráfica, sejam um *convite à leitura*". (grifos nossos).

A Companhia das Letrinhas, colocando-se como conhecedora das necessidades das crianças, de seus interesses, coloca-se em condições de oferecer livros que atendam todas essas atuais expectativas. Que agradem a todos e a todos os gostos.

Podemos observar, na história da criação da editora que apontamos no capítulo anterior, a preocupação de Schwarcz, seu fundador, em relação à leitura em tempos de mídia e mercado. Para ele, leitura deveria ser fruição, prazer, assim como o ensino de leitura, pois ela concorre com outros meios de comunicação de massa, portanto deve também se destacar para tornar-se uma opção, entre muitas, para os jovens.

Diferentemente da Ática, a Companhia das Letrinhas, não caracteriza o uso dos livros para "aprender", vinculado às atividades didáticas próprias para cada ciclo e idade, de acordo com os temas transversais. Ler para a Companhia das Letrinhas é mais descompromissado, é fruição, é "lugar onde cada um de nós pode virar o que deseja", este é o princípio norteador e a seleção de seu acervo passa por este critério.

Pela apresentação, podemos perceber que a Companhia das Letrinhas limita o papel do professor em relação às questões de leitura, como aquele que tem a função de oferecer bons livros, que podem ser encontrados nesta editora, e é claro que a formação do leitor daria- se, assim, pela boa leitura desses bons livros.

SUMÁRIO

As informações que os catálogos oferecem a respeito do seu material são diferentes, assim como o local onde os dados dos materiais encontram-se. Na Ática, o leitor que manuseia seu catálogo pode percorrer sua produção por diferentes caminhos. O catálogo traz um sumário com os lançamentos, as seções com as séries de livros e coleções, um índice de idéias e as informações complementares em que encontramos os serviços para o professor e os índices por títulos dos livros e dos títulos por autor.

Na Companhia das Letrinhas, por outro lado, não há sumário, mas índice remissivo, que, de qualquer forma, indica o material presente no catálogo e onde resgatá-lo, o que nos levou a inserir a análise do índice remissivo na categoria de Sumário como o da Ática.

Editora Ática

No catálogo da Ática, as orientações para pesquisa de livros podem ser encontradas já na contra capa, onde há uma preliminar do catálogo, destacando que o material traz um Sumário nas páginas 2 e 3, um índice de títulos no final do catálogo e os prêmios e destaques das obras. Tudo muito bem direcionado com o objetivo de que o leitor saiba já de início o quê e como efetivar sua busca.

No sumário, página seguinte da apresentação do catálogo, encontramos as coleções e as séries dos livros organizadas em seções, que são divididas pela editora, de acordo com a habilidade e finalidade de leitura. Esta é a primeira organização da editora para orientar o manuseio e a escolha de livros: pela capacidade cognitiva da criança, seguindo os critérios dados pela Psicologia.

Há também no sumário, um índice com sugestões, idéias e leituras diferenciadas para cada tipo de livro, como utilizar seus diferentes tipos de textos, presentes ao longo do catálogo. Èsta é uma segunda orientação para o leitor–professor: a oferta de propostas pedagógicas para o livro possivelmente escolhido.

A indicação da localização rápida de livros através do índice de título de obras e índice de título por autores estão presentes nas Informações Complementares, nas últimas páginas do catálogo. Esta organização do sumário indica uma imagem de seu leitor-professor como aquele que considera mais interessante conhecer o nível de

capacidade de leitura e as possibilidades de trabalho com o livro do que simplesmente o título da obra e do autor.

Há também no sumário a indicação dos *Lançamentos*, em que se destacam as novidades para os leitores ávidos em ler novos títulos e obras, assim como antecipa a apresentação dos livros que aparecerão ao longo do catálogo.

Esse tipo de sumário, ao mesmo tempo em que ajuda e auxilia o professor, permitindo que ele não se perca no material, também cerceia sua consulta, pois não possibilita uma leitura livre e descompromissada do e pelo catálogo. Ele procura controlar a leitura e pesquisa através de informações que levam a outras e é caminhando pelas páginas do catálogo que o conhecemos; através dos inúmeros caminhos que ele nos leva a percorrer.

No sumário percebemos que a maior quantidade de livros publicados estão inseridos em coleções e séries, o que nos leva a uma possível constatação: que muitos livros já seriam produzidos visando essas coleções que possuem determinadas características, que buscam atingir determinado público leitor, com características e necessidades específicas. Por outro lado, livros "em série" parecem ser uma estratégia editorial que permite que o leitor receba o "novo" como já conhecido, familiar, possível de saber se deve adotá-lo ou não.

Esta organização editorial parece estar relacionada a uma produção livresca envolvida a uma dinâmica capitalista, como aponta Pellegrini, em seu trabalho *A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado,* presente no site http: www.unicamp.br/iel/memória/Ensaios/tania/html. Em que a dinâmica capitalista parece ter descoberto e criado, ao mesmo tempo, setores específicos para seu público consumidor em seus lugares dentro do espectro social e a eles adequando seus produtos com temas, modos e linguagens específicas.

Ou seja, a dinâmica da sociedade cria necessidades para a sua população e o mercado, preocupado em detectar essas carências e necessidades para uma atuação pragmática, acaba atuando de forma a criar outras necessidades, ao mesmo tempo em que busca atender as expectativas da sociedade em relação a essas questões. As editoras, neste contexto, também procuram criar livros que busquem atender às necessidades e expectativas específicas do seu público consumidor, que seria o caso dessas coleções.

Neste cenário conturbado, o catálogo também mostra sua "cara", adiantando no sumário sua característica classificatória, orientadora, descontínua, fragmentada, que

nos leva a outros lugares. O sumário complementa sua apresentação e, para fazer efetivas suas prescrições, utiliza-se de cores fortes e contrastantes que levam o olhar aos lugares que a editora julga necessário pontuar. Orienta um leitor-professor que, segundo sua visão, deve encontrar com segurança e de maneira rápida o livro certo para o leitor certo.

Apresentaremos a seguir as seções, separadas por habilidades e finalidades de leitura, são apontadas com cores diferentes no sumário e é onde encontramos as coleções, séries e livros que compreendem o catálogo. Como são muitas as coleções e séries, ficaria exaustiva uma apresentação integral, então escolhemos duas seções, que são representativas das demais que constam no catálogo.

Aprendendo a ler o mundo e a se conhecer:

Livros que estimulam a observação e a auto-expressão

Coleção os Medos que eu Tenho

Coleção As Coisas que eu Gosto

Coleção Olho Vivo

Coleção Peixe Vivo

Coleção Dentro e Fora

Coleção Toc-Toc

Outros livros que estimulam a observação

Lendo e ouvindo histórias:

Narrativas que proporcionam importantes experiências com a língua escrita.

Coleção Abracadabra

Coleção Mariambola

Coleção Barquinho de papel

Coleção A leitura dos pingos

Série Lagarta Pintada

Coleção Histórias da Bíblia

Série Realejo

Coleção Sambalelê

Outras histórias para ler e ouvir

Série Boi Voador

Séria Barra-Manteiga

Série Clara Luz

Coleção Melhores Amigos

Coleção Para Gostar de Ler Júnior

Está seção contém a maior quantidade de coleções e séries presentes no catálogo.

Agora apresentaremos as seções, na ordem em que aparecem no catálogo, mas sem as séries e as coleções:

"Brincando com o livro:

A iniciação da criança no mundo da narrativa / A leitura para a compreensão de instruções

Lendo para aprender a ler:

Livros destinados a leitores em fase de pré-alfabetização e de alfabetização

Aprendendo a ler o mundo e a se conhecer:

Livros que estimulam a observação e a auto-expressão

Lendo e ouvindo poesia:

A fruição lúdica da poesia

Lendo e ouvindo histórias:

Narrativas que proporcionam importantes experiências com a língua escrita.

Lendo e pensando sobre a vida:

Leituras que propõe a reflexão sobre sentimentos, emoções e conceitos sobre a vida

Narrativas tradicionais I:

Contos de encantamento e fábulas

Narrativas tradicionais II:

Contos populares / Textos da tradição oral

Lendo para se divertir – O Humor:

Histórias engraçadas para crianças de todas as idades

Lendo para se divertir –A Aventura:

A leitura como um passaporte para viagens imaginárias

Trabalhando com os temas transversais:

Ética / Meio ambiente / Orientação Sexual / Saúde / Pluralidade Cultural

Outros livros indicados para o trabalho com os temas transversais"

Nesta listagem podemos perceber várias finalidades para se ler: para aprender a ler, para pensar na vida, para se conhecer, para se divertir. Também há propostas de como se lê: ouvindo poesia, histórias; e tipos diferentes de textos para se ler: os da tradição oral, contos de fadas, folclóricos, os clássicos, as poesias, os de humor e de aventuras. A escolha pode assim ser orientada, segundo esses critérios dados pela editora, não só pelo tema e idade, mas pelos objetivos e finalidades e tipos de textos.

Tantas classificações e divisões nos levam a pensar: um livro da Coleção Abracadabra identificada na seção "Lendo e Ouvindo histórias", não serve para a seção "Lendo para aprender a ler"? A Coleção "Clara Luz" não pode propor reflexão sobre os sentimentos, emoções e conceitos da vida?

"Informações complementares

Serviços ao Professor

Índice completo dos títulos deste catálogo

Índice dos títulos por Autor"

Quando vamos ao índice por títulos e autores, no final do catálogo, além da explicação de sua utilização e da indicação das páginas para procura do livro, é interessante destacar a ilustração que acompanha o índice. Trata-se de uma mão, com camisa de punho, apontando com o indicador para a página. O que nos sugere tanto uma mão que pesquisa como uma postura imperativa para pesquisa, que leva-nos a lembrar ainda da mão que costuma aparecer na internet e que possibilita pesquisar.

"Idéias e mais idéias

Confira o índice com sugestões, idéias, leituras diferenciadas para cada tipo de livro"

O sumário possui duas páginas, o índice idéia e mais idéias ocupa metade de uma página, o que parece revelar que os editores dão importância a este tipo de consulta. A oferta de idéias e sugestões de atividades deve marcar um diferencial desta editora em relação a outras no mercado. Por outro lado, o perfil do leitor pressuposto

por esta editora, é aquele que necessita ao escolher uma obra de um projeto de trabalho que a acompanhe.

Na consulta de livros pelos títulos, primeiramente temos o índice pelos títulos de obras ao de índice de títulos de obra por autores. Talvez pelo fato do título da obra pressupor, levantar expectativas sobre o que se vai encontrar no interior do livro, enquanto que o autor é lembrado quando o leitor já é familiarizado com ele, se já o conhece. Pelos títulos das obras pode-se querer ler e indicar os livros, além de serem chamativos e interessantes e mesmo que não se conheça o autor pode levar leitura do livro.

Em torno de cada obra, o leitor do catálogo encontra vários tipos de informações que o auxiliam na sua escolha, o que procura oferecer mais "segurança" na escolha o livro. Isto parece indicar quais são os critérios que geralmente levam o leitor pressuposto a escolher uma obra: o assunto que ela tematiza, se é indicada para o trabalho com os temas transversais, a idade apropriada para a leitura do livro, adequação aos projetos pedagógicos.

As informações do índice de títulos a respeito das obras são:

Título Volume	Assunto Tema Tranversal	Série (a aprtir de)	Projeto Pegag.	Pág.
Boca do Sapo, A	Animais/ Pl. Cultural	Pré		27
Contos de Grim / 1	Clássicos/ Ética	2ª	Sim	78

O destacando dado ao projeto pedagógico, que pode acompanhar ou não uma obra, leva-nos a pensar que há um leitor-professor que poderá deixar de adotar um livro por ele não trazer sugestões de atividades para o seu dia a dia.

Mostra-se também uma certa maneira de ler estas obras na escola. Ler não apenas para fruição, ler por ler, mas ler segundo alguns objetivos, passos e orientações de leitura.

Os livros indicados por série revelam também uma concepção de leitura que deve estar adequada a um nível de compreensão de acordo com uma seriação. A indicação de um livro "difícil" ou denso para uma determinada série poderia prejudicar a formação do leitor que se pretende alcançar com a leitura das obras.

O índice por autores traz seu nome por extenso. Primeiro, o nome, depois o sobrenome e em seqüência, as obras publicadas por ele, presentes no catálogo. A

redundância na apresentação das obras junto aos seus autores leva-nos a considerar que leitores memorizam e reconhecem melhor as obras pelos seus títulos.

Como podemos perceber nas seções que abrem as obras no sumário segue a seriação escolar: Primeiro as obras para crianças que não sabem ler, de crianças que brincam com os livros mesmo que não os leiam; livros para aprender a ler destinados à crianças em fase de pré-alfabetização e alfabetização, depois livros que as estimulem a ler o mundo e a se conhecer, para uma fase que já aponta uma ampliação do conhecimento de mundo, aquele mundo que não é apenas o que está ao seu redor, e assim, a editora vai ampliando o "nível de dificuldade" dos textos às leituras consideradas mais "densas", com maior número de páginas.

Companhia das Letrinhas

Companhia das Letrinhas, como já foi apontado, não tem sumário e sim índice remissivo, ou seja, aquela que manda ou remete para outro lugar, ele também se encontra no final do catálogo.

O índice remissivo da Companhia das Letrinhas é bem diferente do índice da Ática, porque não há uma listagem de títulos e outro de autores. Em um só ele incorpora títulos das obras, nomes dos autores e ainda as obras pertencentes à Cia das Letras, destinado a leitores mais velhos. Ele vem organizado em ordem alfabética e se assemelha mais aos índices de outros catálogos e livros, com os quais lidamos constantemente.

O interessante neste índice é que além de indicar as obras e os autores presentes no catálogo é possível recuperar também seus ilustradores. Primeiro, pelo sobrenome do escritor ou do ilustrador, ou pelo nome obra. A possibilidade de poder recuperar a obra a partir do trabalho do ilustrador, o qual não costuma ter crédito nos índices, foi uma surpresa e parece revelar a importância que a editora dá a este profissional. Devemos lembrar que para a ela, livros bonitos são importantes para agradar as crianças, já que são elas quem escolhem os livros, segundo a editora.

O índice parece pressupor um leitor que está familiarizado a fazer pesquisas de livros, pois traz como estratégia a consulta do autor pelo seu sobrenome e nome. Por exemplo: Paes, José Paulo... 82,83. E na consulta à obra; rapto das cebolinhas, O ....15.

O índice da editora Ática é visualmente mais organizado. O da Companhia das Letrinhas não aponta nenhuma orientação sobre temas, assuntos e não indica coleções. Procurando obras pelo índice o leitor-professor é obrigado a fazer conexões próprias, sobre o que seria e trataria o livro, levantar expectativas sobre o que vai encontrar no interior do livro, a partir somente do título da obra; é uma opção editorial que parece basear-se no "encontro" direto entre autor-obra-leitor, sem didatizar, sem mediar.

Diferentemente da Ática, a Companhia das Letrinhas não traz diferentes orientações de como utilizar o catálogo. É uma forma interessante de apresentação do material, pois para conhecer as obras "obriga" o leitor-professor necessariamente a folhear e ler as páginas do catálogo, antes mesmo de chegar ao índice.

Pode ser que o objetivo da editora seja encantar o professor com as obras do catálogo ao "obrigá-lo" a ler os resumos antes de sair à procura do que deseja. Talvez por isso a preocupação da editora em relação ao aspecto gráfico do material seja tão grande. Um catálogo bonito que estimula o interesse e a curiosidade que fala por si e não necessita de chamadas no seu interior nem de orientações diversas de como encontrar obras, inúmeras classificações de seus livros.

APRESENTAÇÃO DAS OBRAS

Editora Ática

No catálogo da Ática temos a página de Apresentação, em que o editor sugere as obras de José Paulo Paes, em seguida, o Sumário, de duas páginas. Logo após temos as páginas com os "Lançamentos" e o catálogo termina com o índice de autores num total de 166 páginas com 604 obras

As cores contrastantes estão presentes em todas as páginas do catálogo, com maior destaque nos Lançamentos. No Sumário temos a indicação dos livros em relação às diversas habilidades e finalidades de leituras, já nos "Lançamentos" temos a divisão por série escolar.

A divisão é bastante rígida, pois temos livros indicados a partir do maternal, a partir pré-escola, a partir da 1ª,2ª, 3ª séries, para 2ª e 3ª séries. De 1ª a 4ª séries, este, para todas as idades.

Num total de 33 lançamentos é interessante notar quantos livros foram lançados para as diferentes séries escolares:

A partir do maternal - 2 lançamentos;

A partir da pré-escola - 5 lançamentos;

A partir da 1ª série - 1 lançamento;

A partir da 2ª série - 8 lançamentos;

2ª e 3ª séries - 3 lançamentos;

A partir da 3ª série - 12 lançamentos;

De 1ª a 4ªséries - 2 lançamentos.

Podemos perceber que para as crianças não alfabetizadas e as em fase de pré-alfabetização e de alfabetização, conforme intitula a editora, tem 8 livros lançados, enquanto que, o total para os alunos da 2ª série em diante tem 23. Dois livros podem ser compartilhados por todas as séries e são os de poesia, de José Paulo Paes, que parece conquistar todas as crianças.

A editora acreditaria que a poesia é menos classificável em níveis, em séries ou há a idéia de que a poesia é uma forma de linguagem possível de ser entendida por diferentes idades?

Pela análise dos dados é possível perceber que grande parte dos lançamentos são destinados aos alunos da 2ª série em diante. A criança que não sabe ler e a generalização de 1ª a 4ª série ocupa uma fatia menor dos investimentos na produção por parte da editora. Será que a ausência de livros lançados para os alunos a partir da 4ª série seria porque eles já estariam voltado para o publico juvenil e por estarem na 4ª série a editora aposta na idéia de que, sendo leitores, eles poderiam "compartilhar" dos livros para as séries anteriores?

Mas será que um leitor da 2ª série não se interessaria por um livro da 1ª ou da 4ª série? Será que o professor leitor, aquele que o catálogo pretende atingir, acredita que existam livros para cada ano escolar? De qualquer modo, é conveniente para a editora esta divisão, pois exige dela uma maior produção para atender aos leitores de cada ano escolar que, provavelmente para ela, são diferentes em competências, gestos, interesses e necessidades.

Essa divisão em séries permite perceber que a editora "sabe" que o seu consumidor é a escola, por isso, usa a mesma organização: a divisão de séries em relação ao conteúdo que se pretende "ensinar", formar.

Para qual tipo de professor seria indicado esse material? Por que esse material apresenta tais informações? É claro que o catálogo é dirigido para todos os professores, mas ele busca atingir principalmente aqueles que mais precisam de ajuda na hora de escolher livros, um professor que não tenha muito tempo para pesquisar e quer uma resposta sobre quais os livros seriam mais indicados para sua turma e que atingiria os objetivos do seu trabalho. Por isso, tantas informações em torno do livro por temas, idades, série, nível, finalidade da leitura, gênero da obra.

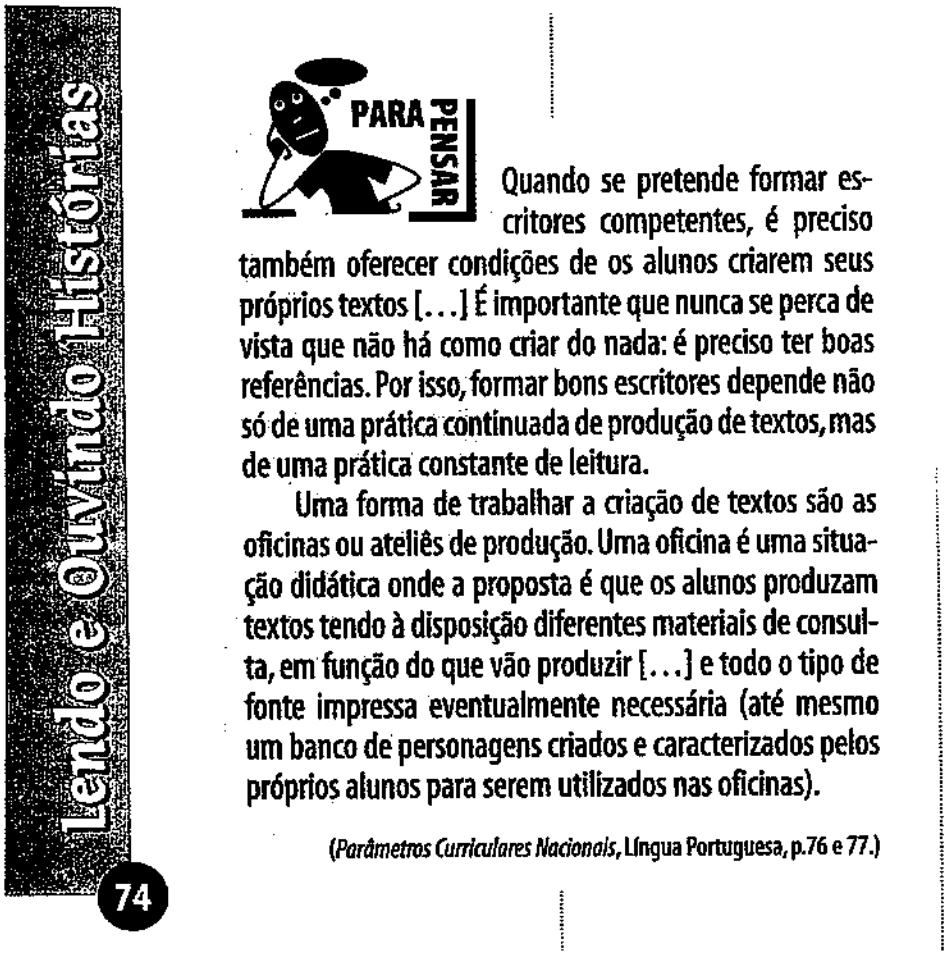
A imagem do professor construída por esta editora é daquele que não sabe escolher uma obra, que parece não ter um repertório de leitura que lhe permita escolher pelo autor de sua preferência ou do "valor" literário e, seu único critério é o uso didático.

E o clima de segurança e confiança que a editora procura criar para o professor em relação ao catálogo é atingido também pela forma como transpõe fragmentos de documentos oficiais que regem a educação brasileira, as entrevistas dos autores para a construção de um sentido que vai ao encontro do que a editora busca atingir com determinado material.

Desta forma ela usa uma estratégia de comprovação de que seus livros trazem orientações coerentes e adequadas com aquelas que as "normas e regras escolares" procuram atingir.

É o que podemos ver na abertura das coleções, ao trazerem, por exemplo, fragmentos do "Referencial Curricular Nacional" ou dos "Parâmetros Curriculares Nacionais", junto com entrevistas, depoimentos de escritores sobre ler, escrever ouvir e contar histórias.

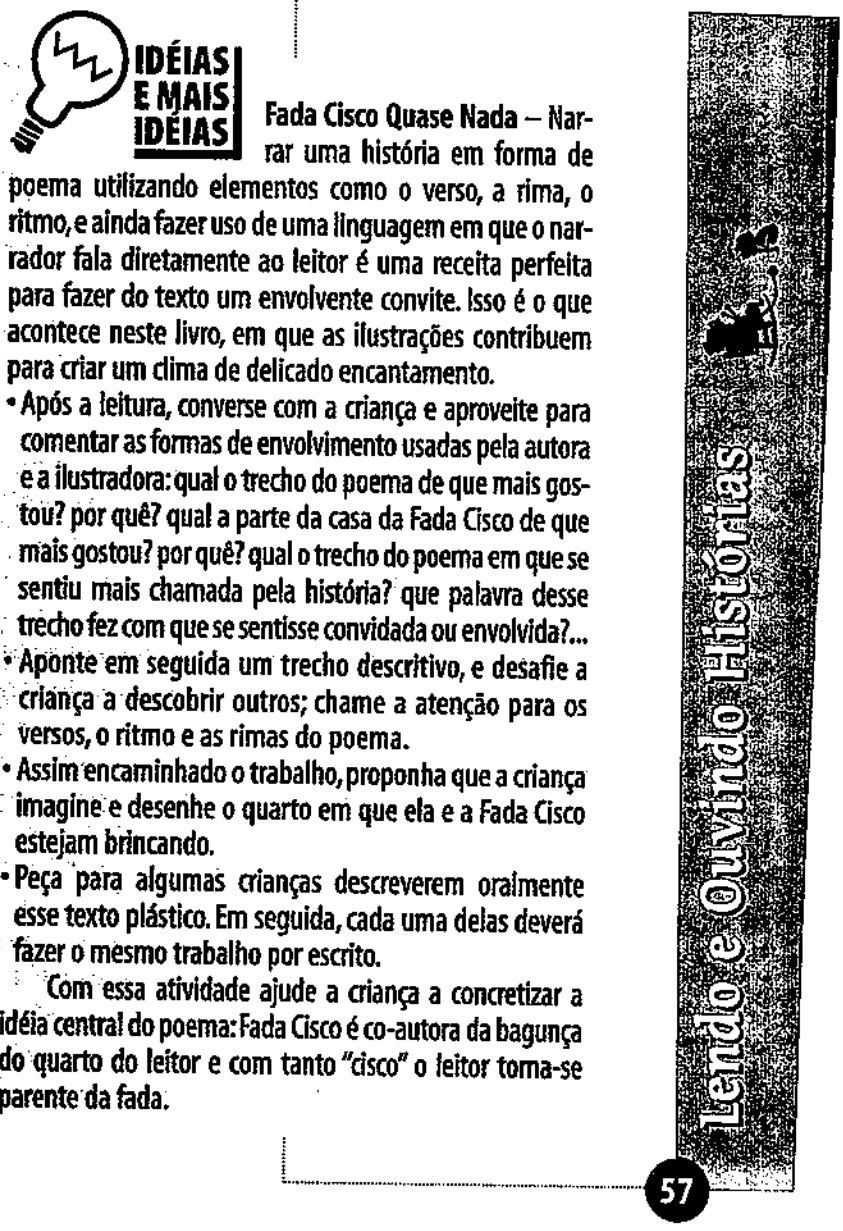
Vejamos um dos fragmentos dos "Parâmetros Curriculares Nacionais" presente no catálogo, na chamada intitulada de "Para Pensar":



É visível a importância deste fragmento no interior do catálogo. Ele traz a voz autorizada no campo da educação, que legitima a leitura de muitos e diferentes livros como uma prática da leitura a ser constante na sala de aula. Nesse caso, a editora oferece livros não apenas porque tem interesse no lucro imediato, mas também porque ela está dando oportunidades para se efetivar as recentes orientações pedagógicas com a leitura.

Por outro lado, a editora traz para o catálogo os argumentos para um possível leitor-professor, deste material, desavisado e mal informado sobre o porquê se deve indicar e sugerir leitura de livros em sua sala.

Os fragmentos dos Referenciais ou dos Parâmetros Curriculares Nacionais são de caráter pragmático como também são as informações intituladas "Idéias e mais Idéias", que buscam ajudar o professor a encontrar formas de utilização de alguns livros. Abaixo, temos o exemplo de utilização do livro *Fada cisco quase nada*, de Silvia Orthof com ilustração de Eva Furnari:



Neste fragmento podemos perceber que além da editora destacar as qualidades desta obra, ela sugere algumas atividades: conversar sobre o poema, atentar para os

aspectos formais do texto, propor atividades após a leitura: desenhar, ilustrar descrever oralmente para depois fazer o mesmo trabalho por escrito.

Atividades que escolarizam a leitura e são bastante conhecidas pelos professores: conversar, desenhar e depois escrever sobre o assunto. Atividades que estão colocadas de forma clara e bem direcionada, inclusive, com questões a serem feitas após a leitura do livro.

Entende-se que esta história narrada em forma de poema, que, com certeza será bem apreciada pelo leitor pelas qualidades levantadas acima (verso, rima, ritmo), também pode ser didaticamente explorada como conteúdo da aula.

Uma idéia que tradicionalmente acompanha um jeito de ler e apreciar poesia na escola: ler para, conversar, desenhar, escrever. Questões que levam e consideram que o leitor criança gostará de poemas, pois ele deve desenhar a parte de que mais gostou, que mais se envolveu e mais chamou sua atenção. Assim, o texto envolve, o texto chama, o texto é algo para ser gostado.

O que a editora seleciona como importante em uma obra? O gênero - poema - seu verso, rima, ritmo e uma linguagem que fala diretamente com o leitor. Que leitor é esse? Aquele que estabelece relação direta com o texto porque encontra a leitura correta, direcionada. Um leitor que aceita o convite de desfrutar, de deleitar-se, de envolver-se. Um leitor que além do texto verbal "precisa" de imagens, ilustrações para penetrar num clima de encantamento.

Um texto com rimas, ritmo, verso, linguagem direta sem provocações, sem desvios de entendimento. Com todas essas indicações temos uma "receita" do que a editora considera bom e adequado para formar um leitor e, também, o que ela considera que seu leitor-professor acha bom para seus alunos na leitura das obras que indica um gênero valorizado, talvez porque seja mais fácil, mais simples, mais acessível como coloca a própria editora na apresentação da obra poética de José Paulo Paes.

Outras informações presentes ao longo do catálogo são as "Palavras do Autor". Trata-se de depoimentos dos autores, entrevistas, algumas para o próprio catálogo, e fragmentos de livros nem sempre da editora, mas "autorizados" e que vão ao encontro do que a editora deseja pontuar. Também o "Sabia que", que traz informações sobre a vida de alguns autores como Charles Perrout, Andersen e Grimm, autores conhecidos, de vida desconhecida para alguns leitores-professores. Tais fragmentos em meio às

obras sugerem hipertextos, pois trazem informações adicionais em relação às obras do catálogo, em que um texto leva a outro.

Esta organização das obras no catálogo torna-se um pouco confusa e cansativa, pois são muitas e diversas as informações, também pelo catálogo ser um material de consulta ele não permite uma linearidade na leitura do material Em diversos momentos somos indicados a ir para outros lugares, seguindo às chamadas, como se fossem links que nos levam a outras páginas com outras informações.

Quando lemos temos que compreender qual é o "estatuto social do documento", (CHARTIER:1996) para que uso o texto foi feito. De acordo com GOULEMOT (1996:115-116), pela característica do texto, *somos incitados a ler de uma determinada maneira.*

Segundo ainda, GOULEMOT (1996:115) "o texto contemporâneo articula sua produção partir de seu consumo". E citando como exemplo desse tipo de texto, o enciclopédico, afirma: "O descontinuo, o sistema de notas, impede uma leitura de ler que é a do texto narrativo."

> Por sua natureza, o texto enciclopédico pede uma leitura a contrapelo, direi, que toma o texto ao contrário e torna impossível uma leitura seqüencial tradicional, uma vez que a leitura se constitui a partir do fim e não do movimento de seu próprio desenvolvimento (1996:116).

Se Goulemot aponta para a distinção da leitura seqüencial de um texto para a leitura descontínua, a contrapelo de uso enciclopédico, podemos dizer que os catálogos se aproximam mais desta segunda classificação. A leitura dos catálogos pesquisados se movimenta conforme o interesse do seu leitor, no entanto, essa leitura é mediada pelas diferentes indicações das editoras, sejam elas explicítas ou implícitas.

Por exemplo, na seção "Trabalhando com os Temas Transversais", há livros que foram produzidos para responder às questões propostas pelos temas e outros, que foram "resgatados" de outras seções, com outros objetivos e finalidade de leitura.

Por acreditar que seus assuntos contemplem igualmente o proposto pelo tema transversal eles estão presentes novamente na seção dos "Trabalhando com os Temas Transversais".

Por exemplo, o livro de Ana Maria Machado, *O gato Massamê e aquilo que ele vê*, está na seção "Lendo e Ouvindo histórias", da Coleção "Barquinho de Papel", na página 53, e também em "Trabalhando com os Temas Transversais, Saúde, em Autoconhecimeto para Autocuidado", na página 144 o que poderíamos entender como um link, pois o livro se encontra nas duas seções do catálogo.

Esta redundância, para nós, torna-se cansativa e parece ser uma tentativa da editora garantir diferentes maneiras de buscar uma obra. Qualquer livro será mais cedo ou mais tarde, de uma ou de outra maneira, encontrado. É necessário ressaltar que apesar de considerarmos a redundância cansativa, ela cumpre com eficiência o objetivo da editora de fazer suas obras serem conhecidas e reconhecidas e de capturar o leitor-professor a qualquer custo.

Com essas informações e, aproveitando o link, vemos que a leitura do catálogo da Ática é permeada por fragmentos de textos e pelas chamadas que lembram um hipertexto, em que é possível transitar pelas páginas através das diversas orientações dadas pelos índices, notas e sumários, e que levam, indicam, o leitor-professor a transitar por páginas que talvez nem fosse do seu interesse pesquisar, possibilitando um maior conhecimento das obras do catálogo e "garantindo" de vários modos que ele encontre aquilo que procura e tenha contato com outras obras.

Os resumos são muito sucintos e dão pouca informação sobre a história. Por exemplo, o da *Fada cisco quase nada* de Sylvia Orthof com ilustrações de Eva Furnari,: "Pequenina de quase não se ver, ela vive preguiçosamente numa rosa encantada. Às vezes, sai de lá para brincar e bagunçar o quarto das crianças" (2001:57).

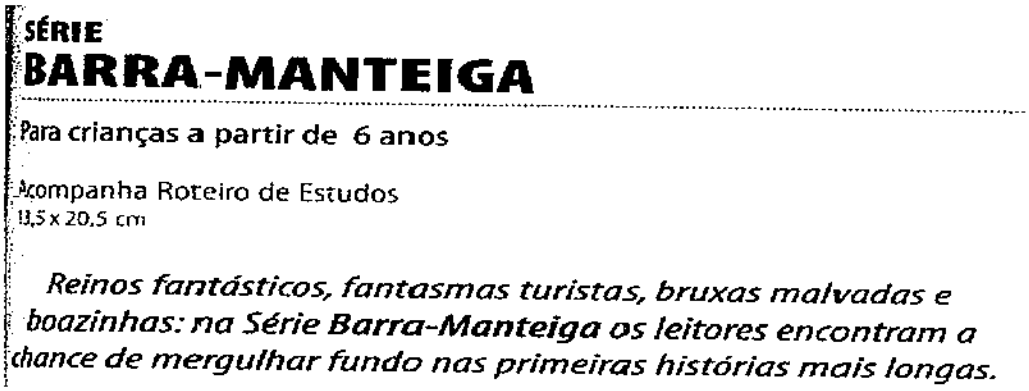
Mas se o resumo pouco conta da obra, ela traz ainda informações que dizem respeito ao: Autor/s, Adaptador/s, Tradutor/s, Ilustrador/es, Tamanho, Nº de páginas, Tema, Interdisciplinaridade, Tema Transversal, Data comemorativa, e Premiação.

Com as informações sobre data comemorativa, temas transversais, interdisciplinaridade, a editora parece não querer perder nenhuma oportunidade de venda de livros e revela ainda, o vínculo antigo escola-livros infantis.

Pouco importa o enredo, a história, a densidade das personagens, o que a editora destaca é o "como" usar o tema, a obra, se ela é ou não adequada a tal série ou faixa

etária, marcando assim, o número de páginas, o tamanho do livro, aspectos físicos importantes para um leitor na sua prática de leitura.

Uma série/coleção vem acompanhada de indicações para séries e idades, de informação sobre quais tipos de livros pertencem aquela série/coleção, e ainda trazem características da coleção. Vejam a "Série Barra Manteiga", que pertence, como já mostramos à seção Lendo e Ouvindo histórias".


SÉRIE
BARRA-MANTEIGA
Para crianças a partir de 6 anos
Acompanha Roteiro de Estudos
13,5 x 20,5 cm
Reinos fantásticos, fantasmas turistas, bruxas malvadas e boazinhas: na Série Barra-Manteiga os leitores encontram a chance de mergulhar fundo nas primeiras histórias mais longas.

A chamada da "Série Barra Manteiga" indica tratar de histórias fantásticas, com bruxas, fantasmas e livros com maior número de páginas. A indicação "Para crianças a partir de 6 anos" seria para leitura oralizada pelo adulto, para crianças a partir de 6 anos, lembremo-nos que essa série está inserida na seção "Lendo e Ouvindo histórias", pois na realidade temos a indicação desses livros, para leitura, de crianças a partir da 2ª série, em uma faixa na lateral do catálogo, que indica a seção que estamos, para qual série, para quais alunos, é indicada a leitura desses livros.

Podemos perceber essa série é indicada para leitores que gostam de livros que mexam com o tradicional imaginário (bruxos malvadas e boas), com a fantasia. Mesmo com tantas informações, a editora ainda destaca que esta série traz roteiro de estudos, talvez pelo fato de serem livros com leituras mais longas.

Inserida nessa coleção está o livro *Os fantasminhas do morro Ricaldone* Texto de Maria Beatriz Papaleo, com ilustrações de Santiago (2001:72). Ao apresentar o livro, a editora lança mão da imagem da capa, resumo, assim como a editora Companhia das Letrinhas:

OS FANTASMINHAS DO MORRO RICALDONE
Texto de Maria Beatriz Papaleo
Ilustrações de Santiago

Uma família de fantasmas europeus, divertida e simpática, muda-se para o Brasil, instalando-se em Porto Alegre. 96 p.
Tema: *Porto Alegre (RS).*
Interdisciplinaridade:
Estudos Sociais.
Tema transversal:
Pluralidade Cultural.
Data comemorativa:
26 de março: aniversário de Porto Alegre (RS).

A partir das informações sobre o material (tema, desenho, data comemorativa) podemos perceber o quanto à editora está preocupada em responder às necessidades dos professores em relação às questões educacionais.

O catálogo não faz menção sobre a autonomia do professor e sua decisão final na escolha e na forma de utilizar o livro.

O professor pode até mesmo indicar a obra, sem tê-la lido, apenas pelos aspectos apontados pela editora e valorizados pela escola. O resumo pequeno dá poucas pistas, além do título da obra. Isto pode significar que mais importante para o leitor professor é ter os conteúdos pedagógicos para sobre a escolha de sua obra do que conhecer a sua história, o seu enredo.

São tantas estratégias para que o leitor-professor não abandone o catálogo sem escolher uma obra; são tantos os argumentos para que o leitor-professor justifique essas

escolhas e são tantas orientações para que o leitor-professor possa ter menos "trabalho" na preparação das aulas, através da leitura do catálogo, que somos levados a pensar sobre a autoridade em que o material se impõe, sobre o poder do livro, no caso o poder do catálogo sobre o livro. A idéia parece ser que se a editora é produz os livros é ela quem sabe, "melhor do que ninguém", do que se trata o livro e do que é melhor para seus leitores.

E, assim, talvez no intuito de "colaborar" cuidadosamente com o professor a editora acaba desautorizando-o em sua autonomia e competência para a escolha dos livros a indicar aos alunos.

Editora Companhia das Letrinhas

O catálogo da "Companhia das Letrinhas" é composto de 186 obras e têm 117 páginas. Na página 03 encontramos a Apresentação do editor para este catálogo Na página 91, a Apresentação da Cia das Letras, destinado a leitores maiores.

O catálogo não apresenta atividades pedagógicas, temas transversais, nem classificação das obras por idades ou séries, como já dissemos.

A Companhia das Letrinhas apresenta uma introdução a respeito do autor e das obras, que notamos serem mais explicitativa nas obras estrangeiras ou em obras de grande valor comercial, já reconhecidas pela tradição comercial.

Os resumos procuram seduzir o leitor para a escolha do livro, como veremos à diante, e os "lançamentos" não são especificados, não há nenhuma nota que indique qual obra seja novidade. Um projeto editorial bastante diferente do que vimos no catálogo da Ática.

As obras são apresentadas em relação aos seus: Autor/as, Compilador/as, Adaptação,Tradutores/as (em caso de livro estrangeiro), Ilustração/es, Nº de páginas, tipos de Livro: Brochura ou encadernado, Tamanho, ISBN e premiação. Acompanhado do resumo do livro.

Observemos um exemplo (2001: 10):

FNLIJ
ALTAMENTE RECOMENDÁVEL
CATEGORIA TRADIÇÃO INFANTIL
1995

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS DE ANDERSEN
HANS CHRISTIAN ANDERSEN
ILUSTRAÇÕES: VÁRIOS

O dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-75) era filho de um sapateiro e de uma lavadeira. Primeiro quis ser ator, mas foi na literatura que acabou se impondo, não sem empenho para vencer os preconceitos de uma sociedade rigidamente organizada em classes. Seu primeiro livro (1822) vendeu dezessete cópias; as outras 283 viraram papel de embrulho. Em 1835 vieram os seus primeiros *Contos de fadas para crianças*, nos quais ele inovou contando histórias populares em linguagem cotidiana e trabalhando poeticamente sentimentos como a vaidade, a inveja e a ambição. Muitas vezes são histórias melancólicas, como a da sereiazinha que, para seduzir o príncipe amado, aceita até submeter-se a terríveis dores físicas. Esta edição reúne alguns dos mais populares contos de Andersen (que ao todo escreveu 156). As ilustrações são representativas de toda uma linhagem de artistas que há mais de 150 anos contribui para a beleza das edições dedicadas a este autor.

Tradução: Heloísa Jahn
120 pp. Brochura
20,5 x 28 cm
ISBN 85-85466-41-2

10

Na Companhia das Letrinhas como na Ática, cada obra apresentada vem acompanhada de sua capa, título, autor, ilustrador, selo ou premiação e um texto.

Aqui, o texto informa sobre o escritor da obra: que é ele, data de nascimento e morte, outros livros escritos por ele, estilo. Considerado um autor "antigo", estas informações a respeito de Andersen dão para o leitor do catálogo um conhecimento, talvez, não dominado por ele, contextualizando autor e obra.

O que se destaca são aspectos que justificam a presença desta obra neste acervo: a inovação e a poeticidade na linguagem do autor ao (re)contar contos populares, as belíssimas ilustrações que acompanham há um longo tempo essa obra (150 anos), a origem humilde deste autor em sociedade marcadamente hierarquizada.

Pouco temos do enredo, este, provavelmente, só será saboreado no encontro de cada leitor com a obra, sem mediação da editora, ou de outro leitor, conforme vimos na proposta apresentada pela editora.

Na grande maioria das páginas do catálogo há somente a apresentação de dois livros, em outros há três e ainda quatro. Há também uma página para um único livro. Isso depende, é claro, da importância dada à obra pela a editora, do que ela deseja destacar: sua tradição, sua novidade, reconhecimento do autor na História Literária.

O catálogo traz no seu interior, as personagens dos livros espalhadas pelas páginas das respectivas apresentações das obras, além da reprodução de suas capas e das referências bibliográficas, que já comentamos.

Podemos perceber no desenho da capa dos livros, os selos da editora, que são as mais diversas imagens simbolizadas sempre por meios de transporte: bicicleta, moto, navio, caravela, avião, trem, carro, etc, que pode significar a metáfora da leitura como viagem, em que os livros seriam os meios de transporte necessários para a viagem proporcionada pela leitura.

AUTORES E OBRAS E TEMAS

Uma vez, realizada uma análise descritiva dos catálogos da Ática e da Companhia das Letrinhas, queremos, neste momento, destacar um pouco a respeito dos autores, temas e obras presentes nos catálogo, buscando perceber, segundo a visão das editoras, qual é a "biblioteca" que elas acreditam que o leitor-professor privilegie como "boa" literatura, necessária aos leitores em formação.

O que está presente nessa "biblioteca sem muros" em que os catálogos se apresentam? (CHARTIER,1999).

De acordo com CHARTIER (1999: 70), a língua dos séculos XVII e XVIII, utiliza outros termos para nomear "a palavra que se define o lugar onde se conservam os livros: "uma biblioteca.".

> O *Dictionnaire* da Academia Francesa testemunhava: "Chamamos também *bibliotecas* as coleções e compilações de obras da mesma natureza". (....) Os livreiros-editores do século XVIII

> publicam em profusão essas coleções de volumes múltiplos que reúnem um grande número de obras já publicadas de um dado gênero (romance, conto, relato de viagem). (...) Várias dessas publicações não são exatamente simples publicações mas imponentes coleções de textos, com parentesco de gênero e de destinação. Assim é a *Bibliothèque universelle des romans* (Paris, 1755-1789, 224 volumes *in 12*), que se apresenta como uma "obra periódica na qual se faz uma análise exaustiva dos romances antigos e modernos, franceses ou traduzidos em nossa língua", e que publica extratos, sínteses, notícias históricas e críticas, mas também as íntegras de romances e de contos antigos e originais (CHARTIER, 1999: 70-71)

Os catálogos analisados, por nós, são diferentes dos apontados por CHARTIER (1999), por apresentarem fragmentos de documentos oficiais, aspectos de obras organizados em gênero, temas, como estratégia de marketing, para vender. Os catálogos de CHARTIER, as bibliotecas, parecem com compêndios da história literária ou antologias que reúnem obras em um determinado gênero para atender leitores e estudiosos da literatura.

No entanto, essa questão traz à tona a seguinte discussão: se essas editoras buscam convencer seu público consumidor que elas apresentam obras ideais para toda e qualquer escola, seja para o ensino de leitura ou para compor suas bibliotecas escolares, elas já estão respondendo de certa forma às questões de quais livros acreditam que o leitor-professor privilegie como "boa" literatura e necessária aos leitores em formação.

Como sabemos, as editoras voltadas ao público escolar andam em sintonia com as questões literárias e educacionais, por serem elas as responsáveis pela veiculação de seus livros e, por outro lado, valorizam o seu acervo como ideal para fortalecer essa aliança (escola-editora).

Assim, *elas* apresentam os livros que julgam importantes para os professores em suas relações com a leitura e o ensino de literatura em sala de aula, o que não quer dizer

que os livros que elas apresentam sejam realmente ideais, ou melhores. Pois o que importa para as editoras é o sucesso no mercado e não tanto a qualidade literária de suas obras.

As editoras embora afirmem a qualidade de seu acervo (pela linguagem adequada e lúdica de seus autores, pela beleza da apresentação gráfica, pela relevância do tema etc), na realidade, o que percebemos são critérios diversos (e não explicitados) que buscam abarcar um universo amplo de consumidores. É uma miscelânea de critérios que se justificam por diferentes motivos e lugares.

Quais são e como são essas obras lançadas anualmente no mercado editorial? Na leitura e análise dos catálogos da Companhia das Letrinhas e da Ática, 2001, estamos considerando na categoria autores aqueles que criam suas histórias, mas também os que adaptam e compilam os contos, como as narrativas populares, com autoria considerada anônima, ou ainda, os que adaptam histórias com autoria.

Os livros já reconhecidos pela tradição literária, geralmente estrangeiros, são apresentados não apenas pelos seus autores, mas pelos seus adaptadores. Isto parece revelar que a editora credita aos adaptadores a autoria do "novo" texto.

As adaptações neste mercado são muitas, talvez porque assim as editoras garantam o acesso às obras que fazem parte do patrimônio cultural e literário dos indivíduos de nossa sociedade, colocando-os com nova roupagem na linguagem e estrutura de enredo.

Uma nova "roupagem" aproxima o leitor de hoje a uma obra fora de seu tempo; um leitor não familiarizado com livros densos e grossos; um leitor menos "maduro" para leituras complexas, incapaz de compreender a obra em sua forma integral e tão distante do seu mundo. De qualquer maneira a adaptação torna-se uma estratégia de facilitação e de aproximação dos leitores que se busca conquistar com obras já consagradas e conhecidas pelo público leitor.

Em relação à adaptação, presente em ambas às editoras, Ítalo Calvino, em sua obra, *Porque ler os clássicos*, aponta uma rica discussão a respeito das marcas que os clássicos trazem das leituras que precederam a nossa e as que deixam nas culturas que atravessam:

> A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos.

> Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe a inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumento crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediário que pretendam saber mais do que ele....(CALVINO, 1993:12).

Neste fragmento, Calvino destaca a importância da leitura dos clássicos de preferência no original, sem mediação da crítica, de comentários e interpretações dos outros. Ele propõe que se dê o encontro entre o leitor e o clássico, deixando que eles conversem um com o outro. Como que a editora Ática e Letrinhas apresentam os clássicos? Poderíamos dizer que elas "seguem" a orientação apontada por Calvino em *Porque ler os clássicos* ? Que tipos de livros esses clássicos se apresentam? Qual o leitor imaginado por essas editoras? Como elas orientam o encontro entre o leitor e os clássicos?

Talvez fosse interessante lembrar, que a editora Ática, lançou a série *Bom Livro,* destinado ao público juvenil, porque acreditava que as edições "clássicas" pareciam não agradar ao público jovem, e ainda que eles tinham ritmo e fôlego para leitura diferente das gerações anteriores.

Então popularizaram e modernizaram os clássicos das literaturas brasileira e portuguesa, que passaram a ter capas atraentes e coloridas. Com textos integrais, mas com notas de rodapé e introduções explicativas para ajudar os estudantes a enfrentar as dificuldades na leitura. Além disso, cada livro era acompanhado de um suplemento elaborado por um professor ou um especialista.

De acordo com a editora, os novos livros passariam a ser mais agradáveis e atraentes, facilitando a leitura do leitor que se queria conquistar. As altas tiragens dos livros baratearam seu custo.

Nesse caso, podemos dizer, então, que o encontro entre o leitor e o clássico distancia-se daquele proposto por Calvino. A imagem que a Ática tem de leitor, não apenas aluno, mas também do leitor-professor, aparece com aquele que necessita de ajuda, não tem tempo para ler, que quer mais informações sobre as obras. Por outro lado, as adaptações respondem a essas expectativas, além de tornar os originais menos difíceis e a sua utilização em sala de aula, inviável.

Abaixo a indicação de uma obra clássica em comum nos catálogos e a forma como elas são apresentadas. Um livro que nos remete a questão da grande circulação de livros literários adaptados na escola.

Editora Ática (2001:73)

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS
Texto de Lewis Carroll
Ilustrações de N. Guilbert
Tradução de Fernanda Lopes de Almeida

Um clássico da literatura infantil, numa edição luxuosa, com belíssimas ilustrações.
Tema: *fantasia/sonho.*
124 p. 21,3 x 27,2 cm

A apresentação da obra no catálogo da Ática não traz resumo, talvez por considerá-la conhecida o suficiente para não haver necessidade de maiores explicações. A não ser, ser lembrar da sua posição dentro das obras de referência da literatura infantil.

Por isso o destaque é dado ao projeto editorial da obra, uma edição luxuosa com belíssimas ilustrações.

Para um leitor que será conquistado não pelo enredo, mas pela forma "sofisticada" que ganha os textos clássicos.

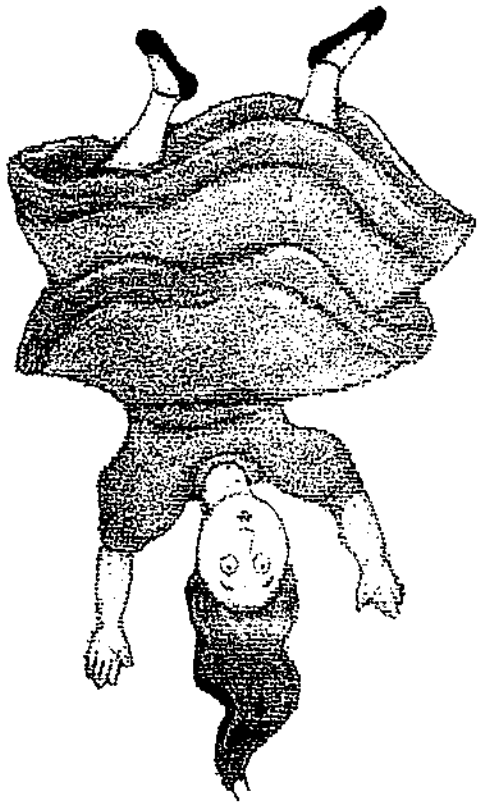
A tradutora já é conhecida pelo público leitor de literatura para crianças, o que garante segurança em relação à tradução da obra.

Outro fato relevante de observarmos é o número de páginas, 124. Pela quantidade somos levados a pensar que a obra apresentada é integral e não uma adaptação. O tema é classificado no catálogo como sonho e fantasia.

Interessante notar também que a capa apresenta a Alice de cabelos negros em um livro com uma montagem moderna, na contramão do que costumamos ver a respeito dos livros clássicos, mas que pela estrutura do texto e pelo seu tema, tudo se torna possível.

O livro está inserido na seção Lendo e Ouvindo histórias, da série Clara Luz, em que segundo a editora *... o leitor se encanta com as histórias, repletas das mais fantásticas personagens. E também com as ilustrações dos melhores artistas brasileiros e estrangeiros*" (2001:73). Essa série apresenta livros clássicos de autores nacionais e estrangeiros.

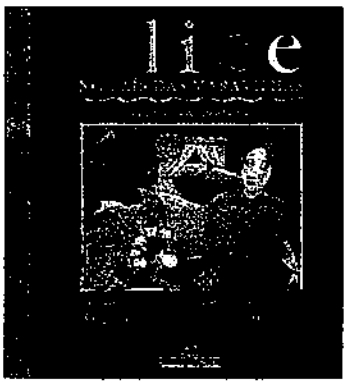
A Editora Companhia das Letrinhas apresenta assim sua obra (2001:12):



ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS
UMA HISTÓRIA DE LEWIS CARROLL
ADAPTAÇÃO: RUY CASTRO
ILUSTRAÇÕES: LAURABEATRIZ

"'Que graça tem um livro sem conversas ou figuras?' Foi o que Alice pensou ao espiar, por cima do ombro da irmã, o livro que ela estava lendo." A história de Alice começa assim, com uma espécie de constatação do tédio. Esse quebra-cabeça literário que desafia os críticos desde seu lançamento, em 1862, é recontado por Ruy Castro, com a mesma inteligência e o mesmo senso de humor que inspirou seu criador, Lewis Carroll.

80 pp. Brochura
23 x 25 cm
ISBN 85-85466-11-1



A primeira estratégia de apresentação da obra é pelo autor, na chamada "Uma história de Lewis Carroll" e a seguir o nome do adaptador e depois do ilustrador. Mais do que o título da obra, a editora destaca seus "autores", aqueles que dão a nova versão de Alice. De qualquer forma é a intenção de garantir a venda do livro em nome de uma tradição literária.

A segunda estratégia da editora é não começar por um resumo tradicional da obra, ou pela contextualização de seus personagens, local, época em que se passa a história. A editora inicia a apresentação por um fragmento retirado do livro " 'Que graça tem um livro sem conversas ou figuras?' Foi o que Alice pensou ao espiar, por cima do ombro da irmã, o livro que ela estava lendo." (2001: 12). De certa forma esse fragmento vai ao encontro da proposta da editora em publicar livros bem ilustrados e com graça.

A questão mais importante em relação à adaptação é que ela se trata de um livro novo, de um outro livro. De acordo com a História Cultural cada marca deixada num livro, seja através do trabalho do ilustrador ou do editor em separar o livro em capítulos ou por outros meios de apontar como se ler um livro, já se trata de outro livro e ele já não será mais o mesmo, no entanto ele é vendido em cada nova e diferente versão como se fosse o mesmo.

Os livros mudam porque os leitores mudam, exigindo as editoras que estejam atentas a essas transformações.

Quanto ao resumo, ele traz um fragmento do texto do livro, o que faz lembrarmos da citação de CHARTIER (1999) em relação ás "bibliotecas" em que os livreiros-editores do século XVIII publicam em abundância e que além de uma análise dos romances, eles traziam também, extratos e sínteses dos romances para a formação do gosto, para os leitores não muito familiarizados com aquele tipo de obra fruí-la adequadamente.

A Ática também investe nos clássicos para o público juvenil, talvez, pela sua relação com a formação do público escolar, para o ingresso futuramente, na universidade.

Lembremo-nos que ela lançou uma série que modernizou e popularizou os clássicos das literaturas brasileira e portuguesa, destinado ao público juvenil, por acreditar que eles têm ritmo e fôlego para leitura diferente das gerações anteriores, em relação às obras clássicas destinadas ao público infantil, parece que as adaptações não procedem em grande quantidade, segundo o que nos sugere o catálogo. Enquanto que a

editora Companhia das Letrinhas nos indica um número maior de obras clássicas adaptadas para o público infantil, embora também haja obras que não o são.

Essa marca da Companhia das Letrinhas sugere que para esta editora a "boa e a "bela" literatura, aquela que oferece o encontro insubstituível do leitor com o livro, é composta de obras clássicas, desde a tenra idade, ainda que lida por leitores adultos

Editora Ática

Quando olhamos para o catálogo da Ática, percebemos de imediato, que, no conjunto de 604 obras, o número de autores nacionais é maior do que a de estrangeiros, revelando uma intenção bem direcionada da editora pela produção brasileira.

Os autores que fizeram parte do chamado "*boom*" da literatura infantil brasileira, e os que estão presentes no catálogo são:, Ana Maria Machado, Maria Heloísa Penteado, Ruth Rocha, Odete de Barros Mott, Eduardo Piochi, Fernanda Lopes de Almeida, Fernando Sabino, Ganymédes José, Jandira Mansur, Joel Rufino dos Santo, Lucia Miners, Mary e Eliardo França, Milton Camargo, Luis Camargo, Teresa Noronha, Walcy Carrasco, José Paulo Paes, Tatiana Belinky, entre outros. (LALOJO & ZILBEMAN,1988) Maria José Dupré pertence a uma geração anterior mas também é encontrada no catálogo porque parece ainda conquistar leitores.

As obras de referência desses autores são aquelas que os consagraram como escritores de livros infantis, mas também a as mais modernas. É necessário lembrar que editora surgiu em 1965 e a primeira linha de livros infantis para a faixa de 1ª a 4ª série colocada no mercado foi em 1973 e era composta de 36 títulos. A coleção *Gato e Rato* vem sendo publicada desde 1978; são datas e números que credenciam a editora como representante direta de obras de literatura infantil de referência nacional e contemporânea.

Entre os autores estrangeiros alguns são reconhecidos pela tradição cultural e pela crítica, como por exemplo: Babette Cole, Andersen, Lucy Cousins, Nicolai Gogol, Lewis Carroll, Umberto Eco. Sucesso escolar garantido porque devem fazer parte da formação cultural de todo indivíduo.

Há outros estrangeiros contemporâneos e responsáveis por várias coleções como: Audrey e Don Wood, "Coleção Abracadabra" histórias de mundos engraçados e fantásticos; Thomas Brezina da "Turma dos tigres" e Friedrich Scheck de "Jovens detetives" inseridos na "Série Olho no Lance" com histórias de aventuras e de detetives; Helme Heine da Coleção "Três grandes amigos" histórias contadas com ternura e bom humor; Frans Hopp Coleção "Estrela Dalva" para o Tema Transversal, Meio Ambiente, entre outros autores. A presença desses autores deve indicar a necessidade de toda editora de renovar os autores, temas e gêneros, fortalecendo o consumo.

As obras que a editora acredita que o leitor-professor privilegie como "boa" literatura, necessária aos seus leitores em formação são tão diversas em gêneros, temas autores, época e títulos, quanto os leitores que pretendem conquistar..

Desta maneira, a editora parece ser orientada pela idéia de que a formação do leitor se faz através de uma quantidade e diversidade de textos a serem oferecidos aos alunos. Aliás, esta é a "sugestão" dada pelos PCNs (1998) ou ainda por diferentes autores que discutem esta questão: Geraldi (2001), por exemplo:

> È relativamente recente também a idéia de que o bom leitor é o que lê muitos e variados textos. Durante séculos a quantidade de impressos disponível era pequena, seu preço elevado, e o livro – mesmo que não tratasse de tema religioso – era muitas vezes sacralizado. O bom leitor era aquele que lia pouco, relia com freqüência e meditava muito sobre os escritos.
>
> (ABREU, 2000:122-123)

Quanto aos temas dos livros presentes no catálogo, podemos perceber que eles são aqueles responsáveis e que contribuem para a formação individual, social, afetiva e que a sociedade julga necessário fomentar na e entre as crianças como: a coragem, relações humanas, criatividade, obediência, esperteza X bondade, colaboração, solidariedade etc.

Temas que buscam atender os anseios de uma certa faixa etária com temas relacionados ao amadurecimento e aos sentimentos comuns ao relacionamento humano:

a fantasia, ciúme, diferenças, amizade, aventura, sonho, pontos de vista, imaginação X realidade, inveja, identidade, amor, adaptação ao novo grupo, jeito de ser, cotidiano, entre outros.

Os temas diversos atendem também a vários leitores infantis. Desde aquele que precisa ser mais inventivo, criativo, autônomo, como se exige hoje uma sociedade moderna, ao que deve ser também obediente e acomodado como no momento em que a sociedade deseja manter o "status quo". Os temas propostos pelos temas transversais mostram a ligação direta e consagrada com as políticas públicas educacionais.

Companhia das Letrinhas

No conjunto de 186 obras apresentadas pela Companhia das Letrinhas, podemos perceber uma maioria de autores estrangeiros.

Nos resumos dos livros de seu catálogo, a editora afirma possuir escritores de obras literárias, tanto antigas quanto modernas. Estes últimos muitos não são de conhecimento do público leitor. O critério de classificação da qualidade literária das obras também fica a critério da própria editora, como o da Ática.

As obras que abrem o catálogo da Companhia das Letrinhas são as estrangeiras contemporâneas de sucesso no exterior. São escritores nascidos no início do século XX, e que passaram a fazer sucesso com suas obras a partir de 1930, segundo a editora, como Dr. Seuss, Astrid Lindgren, Norman Rockwell, Jean de Brunhoff e Beatrix Potter. Estes livros tratam de temas como coragem, liberdade, superação de dificuldades, e seu gênero é aventura.

Além dos contemporâneos, a editora também divulga autores tradicionais como: Daniel Defoe, Victor Hugo, Bram Stoker, Charles Dickens, Andersen, Grimm, Josten Gaarder, Julio Verne, Lewwis Carrol, Oscar Wilde, Shakespeare, J.M. Barrie, entre outros.

São os clássicos que atendem ao gênero "aventura", com dose de suspense, drama, amor, fantasia. São os clássicos que vêm alimentando várias gerações de leitores jovens e adultos.

Do conjunto de obras consideradas tradicionalmente como participante do universo cultural literário, o catálogo apresenta também as fábulas, contos de fadas, a narrativa oral popular, como os de Esopo, Andersen, Grimm.

Continuando com a tradição oral, há ainda contos orientais, contados por Regina Machado e, em *A formiga Aurélia*, a solução proposta pelo saber tradicional, no livro, é um elogio ao convívio das diferenças, ao uso da inteligência em favor do bem comum, ao multiculturalismo. Um ode comum entre os temas tradicionais folclóricos.

O catálogo da Companhia das Letrinhas, como o da Ática, agrega, deste modo, o estofo considerado importante para o jovem leitor: uma literatura estrangeira clássica do início do século XX, com as narrativas de viagens e descobertas de novos mundos, como as narrativas envolvidas com o maravilhoso, com a magia, com reis, fadas, bruxas, animais que falam e ensinam moral.

Quanto aos autores nacionais, os representantes direto da época do "boom" da literatura infantil brasileira, e os que emergiram desse movimento são: Ruth Rocha, Maria Clara Machado, Moacir Scliar, Ziraldo, Tatiana Belinky, Eva Furnari, entre outros.

Na poesia, temos além do destacado pela Ática, José Paulo Paes; Vinícius de Moraes, Ricardo, Lívia Lalau, Ricardo Azevedo, Alberto Martins. Todos com a apresentação da editora como "aquilo" que ensina o que é poesia e estimula o leitor a escrever seus poemas, "jogo, alegria e leveza", "brinquedos feitos de linguagem e que favorecem a confiança na criança para explorar o mundo por meio das palavras". Poetas que criam seus poemas, mas que principalmente traduzem a idéia de que é a poesia um jogo lúdico da linguagem.

Além de histórias (narrativas) e poemas, o catálogo apresenta uma diversidade ainda de temas que oferecem ao leitor, a aprendizagem/ ensino de alguma coisa: sobre profissões, Arte (pintura, música), números, memórias e Histórias de pessoas reais.

Fazem parte deste grupo, por exemplo: as Coleções "Memória e História", tanto de outra época, como por exemplo, dos escravos, quanto temas mais atuais. Um outro exemplo são as Coleções "Por dentro da Arte" e "A de Artista", concedida pela Associação Museus Nacionais da França, e que intencionam engajar o leitor no mundo da arte, através de jogos e atitudes no mundo histórico e cultural do artista que a obra enfoca, além de "estimular o leitor à prática da compreensão visual da obra de arte".

Como vemos, a diversidade de autores é acompanhada no projeto desta editora, por uma diversidade de temas que buscam atender ao jovem leitor, tanto em suas preferências literárias, quanto nas pragmáticas, no sentido de "capacitá-los" culturalmente para exercer futuras funções na sociedade.

Estas últimas coleções ligadas à Arte e à História, principalmente, revelam mais uma vez a relação desta produção com o mercado escolar. São obras que ensinam com "roupagem" bonitas e atraentes e tratam de temas "sofisticados" e valorizados pela comunidade escolar.

Não são diretamente ligadas aos Temas Transversais como no caso da Ática, mas de qualquer maneira buscam "formar" o leitor nos valores estéticos, culturais considerados importantes pela nossa sociedade, de hoje.

Queremos destacar neste catálogo, os livros-binquedos, "Grandes, coloridos, engraçados... e com dobraduras em todas as páginas! E mais: brincadeiras gráficas e letras graúdas para facilitar a leitura. Texto de Keith Faulkner e ilustração de Jonsthan Lambert." (2001: 54-56)

Esses livros-brinquedos propõem ao leitor, não apenas iniciante ou familiarizado com a cultura escrita, mas aqueles que estão inseridos, hoje, numa cultura visual, dinâmica, tridimencional. Para ele, o livro torna-se mais do que aquele que conta uma história ou brinca com rimas, para se tornar um objeto de manuseio, para ser apreciado com outra finalidade.

É comum no catálogo apresentar os mestres da literatura em obras adaptadas aos livros infantis, com uma preocupação educacional de estar informando e facilitando o entendimento da obra. O que pode nos levar a crer que não foi criada se pensando apenas na fruição da leitura, mas também na utilização prática em sala de aula.

A coleção "*Família Problema*" da coleção Babette Cole e "*Liga Desliga*" de Camila Franco e Marcelo Pires, tratam de "temas problemas" " (...) quem narra história é a própria criança. É ela quem vê até que ponto o mundo pode ser problemático. (...) Aliás: como os ADULTOS podem ser problemáticos". Considerado por Asbahr (2001) como gênero emergente e novo na produção cultural para crianças, estes livros que se assemelham ao gênero "auto-ajuda para adultos", revelam o entendimento de que na sociedade moderna, as crianças com problemas encontram no questionamento e inversão de papéis e lugares, soluções para seus problemas.

A Companhia das Letrinhas atende, através do seu acervo, também ao leitor a ser iniciado na cultura tradicional, universal, como também aquele a ser levado à identificação pela literatura nacional contemporânea, quanto ainda aquele que aprende sobre História, profissão, Arte, e, a resolver sus problemas do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os catálogos pesquisados, Companhia das Letrinhas e Infantis da Ática, 2001, apresentam entre si diferenças significativas em relação ao projeto editorial: capa, formato, apresentação, disposição de textos e ilustrações que procuram atingir leitores diferentes, embora em ambos, leitores-professores. O catálogo da Ática aponta de maneira mais explicita e direcionada à quem ele se dirige, pois a capa do catálogo já traz essas informações. No da Companhia das Letrinhas não há nenhuma informação, mas pode ser percebido ao longo do catálogo na apresentação das obras.

Quanto à produção livresca dos catálogos eles não trazem somente livros de literatura infantil, mas livros dos mais diversos tipos e gêneros, buscando atender todos os gostos e necessidades.

Observando o modo de apresentação e organização das obras nos catálogos, dos textos, e do texto de Apresentação dos catálogos, pudemos rastrear algumas estratégias usadas pelas editoras orientadas por uma imagem de leitor e leitura.

Por estarem preocupadas em atingir o filão escolar a imagem do leitor-criança é a do aluno. A divisão em séries no catálogo da Ática está relacionada às competências, às habilidade de leitura e formas de ler, ao conteúdo que se pretende ensinar.

O leitor-criança imaginado pela Companhia das Letrinhas também é o escolar, pois a uma preocupação da editora em apresentar livros que permitam estimular a prática de compreensão das coisas, de obras de arte, de poesia, de sentimentos, entre outros.

Pelas as informações presentes no catálogo da Ática, ela acaba sugerindo que a imagem do professor que ela busca atingir é aquele que necessita de ajuda, que não tempo para fazer pesquisas, nem muita autonomia. Para tanto, o catálogo se apresenta pragmático e instrutivo, pois visa o professor que quer uma resposta sobre quais os livros seriam mais indicados para sua turma e que atingiriam os objetivos do seu trabalho por isso, tantas informações como: livro por temas, idades, série, nível, finalidade da leitura e gênero da obra.

As sugestões de utilização das obras, os registros de entrevistas, depoimentos com autores, citações de documentos oficiais para divulgação das obras, aparecem

exclusivamente no Catálogo Infantis da Ática, como meio de autorizar as obras do material, validar a adoção por parte do professor leitor.

Essas estratégias que a Ática utiliza para divulgar e "autorizar" suas obras acabam influenciando na interpretação que se pode fazer dos livros contidos no catálogo. Como, por exemplo, levar o leitor-professor a formar um juízo crítico e de valor sobre as obras a partir somente da apresentação feita pela editora.

Na Ática este leitor-professor é mais dependente, mais direcionado para que a sua escolha se efetiva, enquanto que na Companhia das Letrinhas, o leitor-professor é quase que ignorado.

O modo de apresentar as obras direciona para uma concepção de leitura diversa. Na Ática é uma leitura "controlada" pela idade, série, habilidade cognitivas do leitor. Enquanto que na Companhia das Letrinhas é uma idéia da leitura como uma prática a ser exercida de maneira autônoma e livre, pelo leitor de qualquer faixa etária, série e domínio de competências.

O sumário do catálogo da Ática permite uma busca rápida da obra, mas é necessário lembrar das artimanhas presentes no catálogo que buscam envolver o leitor em caminhos já traçados pela editora. Um caminho que é o que ela propôs para este leitor-professor percorrer.

Na leitura que fizemos do catálogo da Companhia das Letrinhas, principalmente através da página de apresentação do catálogo, pudemos perceber que, segundo a visão da editora, ela acaba apontando para o esvaziamento do papel do professor, em relação ao ensino de leitura e literatura na escola, pois, o leitor-professor, pressuposto pela editora, é aquele que apenas oferece bons livros à criança.

Por isso, os professores não precisam de orientação para escolha de seus livros. Qualquer livro da editora é bom, basta deixar as crianças serem seduzidos pela sua qualidade literária. Produzem à idéia de que seus materiais de tão belos falam por si só.

Logo, o leitor-aluno imaginado pela editora é o autônomo, é ele quem escolhe o que vai ler ao ter o encontro com os livros. E assim, a leitura se efetiva, bastando dar às crianças bons livros.

E dessa forma livre e espontânea é que se dá a relação do leitor e seus modos de ler. Quanto aos interesses do leitor-aluno pelos livros, a editora acredita que eles se interessam por todos, pois gostam de ler, então o professor deve oferecer ao aluno livros bons, de qualidade, que são os livros apresentados pela editora.

Nessa questão acaba tendo uma inversão de valores, pois o leitor-professor, por não ter o que fazer acaba tendo que privilegiar, ou indicar como "boa" literatura, os livros apresentados pela editora, e a responsabilidade em relação aos livros a serem utilizados pelos alunos acabam ficando também por conta da editora, que se considera conhecedora também das expectativas e interesses das crianças em relação aos livros.

O índice remissivo da editora Companhia das Letrinhas é interessante por apresentar os ilustradores e indica um leitor que está acostumado a fazer consultas a materiais bibliográficos devida às especificidades que apresenta. Ambas editoras lançam no mercado editorial uma grande quantidade de obras diversas, como já dissemos, em temas, autores, época, gêneros. Obras que buscam atender a leitores em formação e aparentemente diversos gostos e preferências.

Pelo conjunto de autores comuns e pela mesma orientação editorial em relação às obras (oferecer alguns estrangeiros, outros nacionais, os clássicos) de ambas as editoras, podemos dizer que os leitores prescritos por elas não são tão diferentes entre si. È como se em ambas, houvesse um consenso de que para a formação de um leitor é necessário esta composição de obras nacionais e estrangeiros, atuais e tradicionais, etc

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, M. (org). Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º Cole. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

ABREU, M. *As variadas formas de ler.* In PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). No fim do século a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANDRADE, Olímpio de Sousa. *O livro brasileiro: desde 1920.* RJ, Cátedra, INL, 1978.

ASBAHR, Melissa. *Produção cultural pra crianças: livros de auto-ajuda.* Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação, Unicamp, 2001.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. "Um objeto variável e instável: Textos, impressos e livros didáticos". In: *Leitura, história e história da leitura* / Márcia Abreu (org.) – Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. – (Coleção Histórias de Leitura).

BOURDIEU, Pierre. "Leitura: uma prática cultural". Debate com Roger Chartier. In: *Práticas de leitura.*São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CALVINO, Ítalo. Porque ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Porque ler os clássicos pg 09-16.

Catálogo: Infantis da Ática 2001

Catálogo: Companhia das Letrinhas 2001

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CHARTIER, Roger. *A história cultural.* Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros.* Brasília, UNB, 1999

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao Navegador.* SP, UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999

DAUSTER, Tânia. *"A fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores".* In: *Leitura: Teoria & Prática* / Associação de Leitura do Brasil. v.19, n.36, dez. (2000). Campinas, SP: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000

DARTON, R. *História da Leitura.* In: BURKE, P. (Org.). A escrita da história. Novas perspectivas, SP, UNESP, 1992.

GERALDI, Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula.* SP, Ática, *2001*

GOULEMOT, J.M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura.*São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HELLER, Bárbara. *Em busca de novos papéis; imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)*, 1997, tese de doutorado. IEL, UNICAMP, orientadora: Marisa Lajolo.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura.* São Paulo: Moderna, 2001.

---------- . *Do mundo da leitura para a leitura do mundo.* São Paulo: Editora Ática, 2002.

LAJOLO, M e ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira.* História e Histórias. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Pesquisa em Leitura: Um estudo dos resumos de Dissertações de Mestrado e *Teses de Doutorado defendidas no Brasil de 1980 – 1995.*

Campinas, SP. 1999.

Os novos leitores no século XIX: Mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger, CAVALLO, G. (orgs.) *História da leitura no mundo Ocidental.* São Paulo, Ática, 1999

PAIXÃO, F. (Coord.). *Momentos do livro no Brasil*, Ática, 1995.

PELLEGRINI, Tânia. A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado. *http:/ www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/tania.html.* Acesso em 15 abr. 2003.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar* / Maria Luisa Santos Ribeiro – 15ªed. rev. e ampl. – Campinas, SP: Autores Associados, 1998. – (Coleção memória da educação)

SERRA, Elisabeth D'Angelo (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens; algumas leituras.* Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, Lílian Lopes Martin da. *A revista LEITURA: TEORIA E PRÁTICA e o professor – um leitor em formação.* In: Leituras do professor/ Marildes Marinho, Ceris Salete R. Silva (orgs.). Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil – ALB, 1998.

TRAVASSOS, Nélson Palma. *Livros sobre livros.* SP, HUCITEC, 1978.

VIEIRA, Martha Lourenço. *O trabalho do 'autor' na construção do' leitor' na revista Nova Escola.* In: Leituras do professor/ Marildes Marinho, Ceris Salete R. Silva

(orgs.). Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil – ALB, 1998.

XAVIER, Maria Elisabete, RIBEIRO, Maria Luisa, NORONHA, Olinda, Maria. *História da Educação*. A escola no Brasil. FTD. 1994. Coleção Aprender & Ensinar.

Sites

http://www.companhiadasletras.com.br. Acesso em 2002

http://www.atica.com.br. Acesso em 2002

http://www.unicamp.br/iel/memória

http://www.unicamp.br/iel/memória/Ensaios/tania.html. Acessoem 15/04/2003